

FABIANA PORTELA DE LIMA

**A LINGUAGEM DO PANTANEIRO:
PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA**

**TRÊS LAGOAS-MS
2008**

FABIANA PORTELA DE LIMA

**A LINGUAGEM DO PANTANEIRO:
PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Câmpus de Três Lagoas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Lingüísticos/
Sociolingüística

Orientador: Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira

**TRÊS LAGOAS-MS
02/2008**

FABIANA PORTELA DE LIMA

A LINGUAGEM DO PANTANEIRO: PERSPECTIVA SOCIOLINGÜÍSTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Câmpus de Três Lagoas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Lingüísticos/ Sociolingüística.

Orientador: Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dra. Elza da Silva Sabino Bueno
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Dra. Marlene Durigan
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Três Lagoas, 29 de fevereiro de 2008.

L732L Lima, Fabiana Portela de.
A linguagem do pantaneiro: perspectiva sociolingüística/Fabiana Portela de Lima. Três Lagoas, Ms: [s.n.], 2008.
76 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, 2008.
Orientador: Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira.

1. Linguagem (Pantaneira). 2. Pantanal. 3. Variação fonética. I. Oliveira, Dercir Pedro de. I. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Câmpus de Três Lagoas. III. Título.

*Dedico este trabalho à vó **Maria** (in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me sustentar diante de tantas adversidades.

Aos meus informantes, pela recepção, por me possibilitarem este trabalho.

Às minhas prezadas professoras do primário, Dona Sara, Dona Ivone e Dona Éster, pela qualidade do trabalho prestado por anos e tão pouco valorizado, sem o trabalho delas, hoje não existiria o meu, com elas este trabalho inicia-se.

Ao Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira, meu orientador, pelo Projeto Atlas, pelas oportunidades, pela confiança creditada, pelos cinco anos de convivência, pela amizade estabelecida, por tudo...muito obrigada. Vou sentir saudade!

À Profa. Dra. Marlene Durigan, pelo seu exemplo, pelas palavras de incentivo e o voto de credibilidade num momento de incredulidade, pelo muito que sempre representará.

À Profa. Dra. Celina, pela participação na banca de exame de qualificação, pela sua contribuição em um momento tão crucial, por sua presença ao longo da minha estada no CPTL/UFMS.

Ao corpo docente do curso de Letras do CPTL/UFMS, aos meus professores de graduação, levo comigo um pouco de cada um.

À CAPES, pela concessão de bolsa de estudo que contribuiu para que eu cursasse a pós-graduação.

À PROPP, por também contribuir financeiramente para a realização deste trabalho. Agradeço, de modo particular, à Pró-reitora, Profa. Dra. Célia Maria de Oliveira, pelo carinho de sempre.

Ao Professor Dr. Arnaldo Yoso Sakamoto, pelas indicações de leitura sobre o Pantanal.

Às colegas de trabalho do “Altas Lingüístico de Mato Grosso do Sul” (ALMS) que acompanharam meus estudos e, de uma forma ou de outra, contribuíram para meu crescimento acadêmico e pessoal, Adriana, Ana Carina, Ana Rosa, Beatrice, Juliana, Jeniffer, Lílian, Paloma, e, de modo especial, à Sarita e à Carisiane.

À turma de Estudos Lingüísticos “Santo Expedito” (Alines, Anita, Izabel, Geiza, Juliane, João, Paulo e Vânia), minha turma de mestrado, os melhores companheiros.

À Maria Madalena Lebrão, pela colaboração durante a coleta de dados para este

trabalho, e pela amizade.

Aos amigos que me acompanham desde a graduação e torcem por mim: Alexandre, Cléia, Éder, Edson, Janaina, Maria, Michelli, Michele, Naliya, Renata, Virna, Patrícia; ao Nilton, amigo mais recente, mas igualmente presente. Obrigada por segurarem a minha mão!

Ao Marcel, o amigo mais certo, na hora incerta.

À Elisa, ao fim.

À minha madrinha, por sempre incentivar meus estudos.

Aos meus tios e primos de Castilho-SP, cidade vizinha a Três Lagoas, pela acolhida, por me oferecerem sempre um porto seguro, por ouvirem meu choro e me fazerem rir, sem vocês tudo teria sido ainda mais difícil.

Aos meus pais e ao meu irmão, pelo fundamental e incondicional apoio, por todo o amor.

Tudo posso naquele que me fortalece.

Tudo posso com aqueles me fortalecem.

Eu já sabia também que as palavras possuem corpo muitas oralidades remontadas e muitas significações remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras.

(MANOEL DE BARROS)

LIMA, Fabiana Portela de. **A linguagem do pantaneiro: perspectiva sociolingüística**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

RESUMO

Este trabalho consiste numa descrição, pautada na sociolingüística variacionista, de alguns aspectos fonéticos da linguagem pantaneira. Essa descrição foi feita a partir de registros coletados durante entrevistas realizadas na microrregião do Pantanal da Nhecolândia com moradores da localidade, homens e mulheres, com mais de 45 anos de idade, não escolarizados ou com baixo grau de escolaridade. Nesses registros, buscaram-se variações decorrentes do plano fônico e suas possíveis motivações. Foram descritas as realizações dos fonemas / t / e / d /, / l /, / s /, de aférese e epêntese, além do registro de outros metaplasmos. Por meio deste trabalho foi possível constatar que as variações fonéticas registradas resultam da diversidade cultural que compõe a região; ou são variações características dos falantes menos escolarizados e de zona rural. Espera-se, com este trabalho, ter colaborado com os estudos de língua falada, com a descrição e sistematização da diversidade lingüística do português brasileiro, principalmente da variedade sul-mato-grossense.

Palavras-chave: linguagem; Pantanal; variação; fonética.

LIMA, Fabiana Portela de. **The pantaneiro language**: sociolinguistic perspective. 2008. Dissertação (Mastering in Letters) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

This job consists on a description of certain phonetic aspects of the language spoken in the region of "Pantanal", in Brazil, focused on its variably sociolinguistic. It has been made after many interviews with residents of a small place named "Nhecolândia": all the interviewed were older than 45 years (both women and men), and most part of these people didn't have enough schooling in their lives. In these registers the main objective was to find phonological differences and the reasons for such a variation. There has been described the occurrence of the phonemes / t / e / d /, / l /, / s /, of "aférese" and epenthesis, and also other phenomena. Through this work it was possible to realize that the phonetic variations represents the cultural diversity of the area, but it can also be a consequence of these citizens' low level of formal education. This description intends to contribute for the oral language studies, by registering and systematizing the linguistic diversity of Brazilian Portuguese, especially in the state of "Mato Grosso do Sul".

Key-words: language; Pantanal; variation; phonetic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Perfil dos informantes.....	32
Quadro 2 - Símbolos Fonéticos utilizados.....	33
Figura 1 - Exemplificação de arquivo de códigos do <i>Goldvarb X</i>	36
Gráfico 1 - Realização de / t / e / d /	38
Gráfico 2 -O emprego de sibilantes e chiantes em relação ao gênero.....	49
Gráfico 3 - Emprego de sibilantes e chiantes em relação à posição na sílaba	49
Tabela 1 - Aplicação da regra em relação ao fonema / t / X / d	40
Tabela 2 - Aplicação da regra X variável sexo	40
Tabela 3 - Aplicação da regra em relação a variável independente lingüística	44
Tabela 4 - Aplicação da regra em relação a variável independente extralingüística	44
Tabela 5 - Aplicação da regra X variável sexo	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PANTANAL DA NHECOLÂNDIA: panorama histórico	14
1.1 Caracterização geográfica	14
1.2 Um pouco da história de Mato Grosso	15
1.3 Pantanal da Nhecolândia: o desbravamento	17
1.4 Pantanal da Nhecolândia: dias atuais	19
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
2.1 Língua e Sociedade	21
2.2 Sociolingüística	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.1 Preparação da pesquisa	29
3.1.1 A escolha da localidade	30
3.1.2 A elaboração do guia de perguntas	30
3.1.3 A seleção dos informantes	31
3.2 A execução dos inquéritos	32
3.2.1 Material utilizado	33
3.3 Transcrição	33
3.4 Delimitação do <i>corpus</i>	34
3.5 Quantificação do <i>corpus</i>	35
4 VARIAÇÕES FONÉTICAS NO FALAR PANTANEIRO	37
4.1 Realização de / t / e / d /	37
4.2 A realização de / l /	41
4.2.1 Lambdacismo	44

4.3	As realizações do fonema / s /	45
4.3.1	A realização de s ortográfico.....	46
4.3.2	A realização de z ortográfico.....	47
4.3.3	A variação do fonema / s / em posição de s e z ortográficos	48
4.3	Metaplasmos.....	50
4.3.1	Epêntese e aférese	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS		52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		53
APÊNDICE A – Questionário Fonético-Fonológico		57
APÊNDICE B – FICHAS DOS INFORMANTES		64
ANEXOS – MAPAS		74

INTRODUÇÃO

Objetiva-se com este trabalho apresentar uma descrição da fala do pantaneiro, morador da microrregião da Nhecolândia, sob o aspecto fonético, tendo em vista a heterogeneidade lingüística, pois “toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar” (ALKIMIM, 2005, p.32).

A microrregião da Nhecolândia situa-se no Pantanal Mato-Grossense, entre os rios Taquari e Negro, no município de Corumbá, Mato Grosso do Sul. O acesso a essa microrregião, de modo geral, é difícil em decorrência do mau estado de conservação das estradas e das inundações periódicas, o que causa aos seus moradores certo isolamento.

O trabalho tem sustentação no Modelo Teórico-Metodológico da Sociolingüística Variacionista, que se centra na heterogeneidade da língua e tem, portanto, como objeto de estudo a língua falada, observando e descrevendo suas variações e possíveis mudanças lingüísticas.

Dada a grande extensão geográfica do território brasileiro, é natural sua diversidade lingüística e cultural, por isso os estudos de comunidades e regiões específicas tornam-se cada vez mais relevantes, pois permitem um melhor conhecimento dessa diversidade e, sobretudo, de sua sistematicidade. “É de suma importância o conhecimento da realidade local, sem perder de vista o geral, para que a partir dele sejam feitas reflexões que contribuam para algum posicionamento diante do que é dito, quando é dito e como é dito” (HORA, 2004, p. 08).

Pouco ou quase nada se conhece dos pantanais no que concerne à linguagem, “tiranicamente, fauna e flora dominam, sufocam qualquer lembrança para além das mesmas. Pantanal é mata e bichos, brejos e peixes, rios e aves. O homem, no entanto, quando é lembrado, é apenas um vilão” (CARUSO, 2002, p. 9).

Esta pesquisa pressupõe que a linguagem dos moradores do Pantanal de Nhecolândia seja diversificada, em virtude das influências recebidas dos nativos (os indígenas esparsos pela região), dos desbravadores, vindos, principalmente, do norte de Mato Grosso, de outras partes do Brasil e de países fronteiriços (Paraguai e Bolívia).

Os reflexos dessa diversidade, certamente, estão presentes na fonética, no léxico e na sintaxe; neste trabalho, em particular, optou-se por buscá-los no

âmbito da fonética. Portanto, foram descritos aspectos fonéticos da fala pantaneira correlacionando-os às variáveis extralingüísticas, estratificadas em sexo, faixa etária, escolaridade e origem do falante.

Neste trabalho, busca-se descrever atualizações fonéticas do falar pantaneiro estabelecendo comparação com outras produzidas no restante do Estado e do país, sempre visando às variações lingüísticas e seus fatores condicionantes. Para isso, recorre-se a estudos realizados por diversos autores sobre a língua portuguesa. Em relação à variedade sul-mato-grossense, a referência principal são os dados, boa parte ainda por serem estudados, do Projeto Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), que possui um vasto registro de língua falada. Nota-se que o primeiro volume do ALMS será publicado em breve.

Para a realização desta pesquisa foi adotado o procedimento usual das pesquisas sociolingüísticas: a coleta de dados por amostragem. As entrevistas foram realizadas *in loco*, a seleção dos informantes foi feita com base nas variantes extralingüísticas: sexo, faixa etária, escolaridade e origem. Os dados coletados foram transcritos foneticamente e posteriormente descritos. Ademais, números foram operados, uma vez que os dados coletados receberam tratamento estatístico com o auxílio do pacote computacional *GoldVarb X*, ou seja, realizou-se um estudo sociolingüístico quantitativo, modelo de análise desenvolvido por Labov (1972).

“A linguagem do pantaneiro: perspectiva sociolingüística” encontra-se disposto a seguir em quatro capítulos: o primeiro destina-se a um breve relato histórico-cultural sobre a região em questão; o segundo à apresentação dos pressupostos teóricos que norteiam o trabalho; o terceiro à metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa; o quarto destina-se à descrição de aspectos fonéticos, como de / t / e / d / , / s / em lugar de s e z ortográficos, casos de metaplasmos, epêntese e aférese, rotacismo em posição medial e final, lambdacismo e vocalização de / l / em posição final de sílaba, registrados na fala do pantaneiro da Nhecolândia.

1 PANTANAL DA NHECOLÂNDIA: panorama histórico

Mato Grosso encerra em sua própria terra sonhos Guaranis. Por campos e serras a história enterra uma só raiz. Mato Grosso espera esquecer quisera os sons dos fuzis. Se não fosse a guerra, quem sabe hoje era outro país. Amante das tradições que me fiz aprendiz [...] Fronteira onde o Brasil foi Paraguai.

(Paulo Simões)

Estabelece-se, neste capítulo, um panorama histórico do Pantanal da Nhecolândia, trazendo ao conhecimento do leitor a região estudada; fatos históricos, sociais e culturais, que, relacionados a fatos lingüísticos, constituem a linguagem pantaneira. Por meio da contrasteação do lingüístico e do extralingüístico é que se devem estabelecer e discutir as peculiaridades da linguagem local. A esse respeito Silva Neto (1976, p. 195) observou:

[...] com o progresso das ciências do homem já não se justifica a pesquisa restrita aos fatos puramente lingüísticos. É que estes encontram a sua razão nos próprios seres que compõem as várias comunidades, o que exige uma sondagem mais ampla, que englobe as múltiplas manifestações do espírito, a fim de que desse harmonioso conjunto mais nitidamente possam ressaltar os fatos da linguagem.

1.1 Caracterização geográfica

Pantanal é uma extensa planície que sofre alagamento periodicamente. Essa planície compreende uma área de 130.000km² localizada no Paraguai e nos estados brasileiros de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, banhada por diversos rios, sendo os principais o Paraguai, o Negro e o Taquari.

O Pantanal Mato-grossense está dividido em 11 (onze) sub-regiões: Abobral, Aquidauana, Barão do Melgaço, Cáceres, Miranda, Nabileque, Nhecolândia, Paiaguás, Paraguai, Poconé e Porto Murtinho.

De maneira resumida, apresentam-se aqui suas principais

particularidades: alternância entre períodos de seca, julho/agosto, e de chuva, novembro/fevereiro; solos arenosos e argilosos; com muitas cordilheiras, vazantes, salinas e corixos; vegetação com características de savana; flora e fauna diversificada; clima quente e úmido no verão, frio e seco no inverno (SAKAMOTO, 1997). O Pantanal é um dos mais afortunados ecossistemas do planeta, tido, popularmente, como “santuário ecológico”.

As características geográficas da região pantaneira, as águas que a submergem e margeiam, ditam os rumos de sua colonização e economia.

1.2 Um pouco da história de Mato Grosso

Visto que o Pantanal situa-se nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, é mister esboçar algumas palavras a respeito da formação de Mato Grosso, que até 11 de outubro de 1977 mantinha sob sua bandeira as terras, hoje, sul-mato-grossenses. Linhas foram traçadas estabelecendo uma fronteira política, a divisão do Estado, porém essas linhas ainda não são capazes de fracionar a história, a cultura.

De acordo com o Tratado de Tordesilhas, as terras mato-grossenses deveriam pertencer à Espanha¹. Assim, os espanhóis no início do século XVII enviaram jesuítas em missão para essas terras, que logo foram expulsos por bandeirantes paulistas. Com os tratados de Madri e Santo Ildefonso, Portugal passou a ter o direito de posse das terras².

Com o objetivo de demarcar e assegurar terras para a Coroa Portuguesa,

¹ Portugueses e espanhóis, pioneiros da grande expansão marítima, fundaram seus impérios ultramarinos nas terras descobertas. Com a intermediação da Igreja católica, estabeleceram diversos acordos sobre a divisão das terras. No caso do continente americano, um dos tratados mais importantes entre portugueses e espanhóis foi o **Tratado de Tordesilhas**, assinado em 7 de julho de 1494, que estabelecia um linha imaginária a 370 da milhas de Cabo Verde: as terras a oeste dessa linha pertenceriam à Espanha, enquanto as terras a leste pertenceriam a Portugal [...] (COTRIM, 2003, p. 139, grifo meu).

² **Tratado de Madri (1750)** estabelecia que a Colônia do Sacramento pertenceria aos espanhóis e a região dos Sete Povos das Missões (que ocupava parte do atual estado do Rio Grande do Sul) pertenceria aos portugueses [...] **Tratado de Santo Ildefonso (1777)** estabelecia que a Espanha ficaria com a Colônia de Sacramento e a região dos Sete Povos das Missões [...] (COTRIM, 2003, p. 139 *sequentia*, grifo meu).

morosamente deu-se início à marcha de ocupação de Mato Grosso.

A descoberta de minas de ouro nas proximidades do Rio Coxipó e Cuiabá impulsionou o processo de ocupação do Estado no início do século XVIII. O direito de exploração das minas foi concedido aos paulistas, mas exploradores de toda parte deslocaram-se para a região (goianos, mineiros, fluminenses, portugueses). Vilas foram construídas em função da exploração do metal. O contato com o restante do país foi intensificado por meio das monções que subiam e desciam os rios para abastecer as vilas e viabilizavam a permanência dos mineiros na região. Já no final do século, a atividade mineradora declinou, e muito do que se conseguiu em decorrência dela perdeu-se. “No primeiro quartel do século XIX a Província de Mato Grosso estava em quase total abandono, uma vez que não havia mais ouro de aluvião a população em sua grande maioria migrara para outras regiões” (ALVES *apud* SAKAMOTO, 1989, p.33).

Além da mineração, em diferentes momentos, outras atividades alavancaram o processo de ocupação: as usinas de cana-de-açúcar, a extração de borracha, o cultivo de erva mate, as charqueadas e a criação de gado, que mais tarde tornar-se-ia a principal atividade econômica e responsável pelo desenvolvimento do Estado.

Porém o estabelecimento do Estado, durante algum tempo, ocorreu de maneira significativa apenas no norte, enquanto as demais regiões permaneciam sem ser desbravadas, vulneráveis a invasões espanholas, quando não sob o domínio indígena. Para reverter esse quadro, o governador geral introduziu o regime de sesmaria. “Generaliza-se, como unidade territorial nessas paragens, a sesmaria de uma légua de frente por três de fundo, equivalente a 13.068 hectares” (CORRÊA FILHO, 1995, p.20). A ação do governo surtiu, em parte, o efeito esperado: a doação de terras viabilizou o povoamento de muitas áreas, como a da planície pantaneira. A geografia propícia à criação de gado a baixo custo foi um atrativo à ocupação do Pantanal.

É preciso, contudo, observar que, durante anos, a colonização do Estado de Mato Grosso, do Pantanal, foi retardada pela ação dos índios que, por vias terrestres e fluviais, impediam a entrada no território mato-grossense. “Duas tribos, no entanto, resistiram contra os intrusos, lutando por mais de três séculos e desenvolvendo técnicas de guerrilha: os paiaguás nas canoas, e os guaicurus nos cavalos” (PROENÇA, 1997, p. 27).

1.3 Pantanal da Nhecolândia: o desbravamento

O desbravador do Pantanal, de modo geral, “foi aquele descendente de índio e bandeirante mameluco paulista, que ia abandonando as lavras exauridas à procura de um outra ocupação [...] Dessa mestiçagem se formou o pioneiro que desceu do Norte para povoar o Sul” (PROENÇA, 1997, p. 63).

Em meados do século XIX, Joaquim José Gomes da Silva (1825 - 1876), o Barão de Vila Maria, mudou-se de São Luiz de Cáceres para Corumbá, que, àquela época, era um povoado pouco próspero, na tentativa de iniciar uma nova vida, de estabelecer-se; desprovido de recursos, mas provido do ideal desbravador. Por meio das sesmarias tornou-se dono de muitas terras na região, nas quais plantou arroz, feijão, mandioca, entre outros produtos, e criou gado. No ano de 1862, ele fundou as Fazendas Firme e Palmeiras, dando início então à colonização da microrregião que no futuro seria denominada Pantanal Nhecolândia.³

O povoamento da região não foi capaz, no entanto, de inibir as investidas da “Coroa Espanhola” que tomou o Forte Coimbra e deflagrou a Guerra do Paraguai (1864 – 1870) disseminando destruição. A esse respeito, veja o que diz o historiador:

Durante o martírio de Mato Grosso, e especialmente de Corumbá, onde se mantinha o delegado militar agressor, com desabusado contingente, entapou o estabelecimento pastoril, danificado. Voltou à condição primitiva, de gleba erma, onde raramente se encontraria algum lote de bovinos asselvajados, escapos à perseguição dos usurpadores (CORREIA FILHO, 1995, p.26).

Em decorrência da Guerra, o Barão de Vila Maria teve de deixar o Pantanal, as terras que havia adquirido, devastadas pelos invasores. E a região teve de aguardar mais um tempo para ver chegar algum desenvolvimento.

Quinze anos depois, aproximadamente, Joaquim Eugênio Gomes da Silva, vulgo “Nheco” (1856 - 1909), reocupou o Pantanal da Nhecolândia, que antes pertencera ao seu pai. Quando chegou por lá, não encontrou benfeitorias, plantações, criações; encontrou somente as terras herdadas, ou seja, tudo por fazer.

³ Após o falecimento de Joaquim Eugênio Gomes da Silva, popularmente conhecido como Nheco, o seu cunhado, José de Barros, prestou-lhe uma justa homenagem nomeando a região que juntos colonizaram de Nhecolândia.

Para isso, contou com a colaboração de amigos e parentes, principalmente dos seus cunhados, José e Gabriel de Barros. Juntos formaram fazendas e deram início à criação de gado, que no princípio não era muito lucrativa. Essa foi, todavia, uma tarefa árdua; muitas eram as adversidades causadas pela falta de recursos e pela natureza, o perigo de alguns animais e as inundações periódicas da planície que tornava tudo ainda mais difícil.

Embora não distasse demasiado de Corumbá, núcleo urbano mais próximo, a carência de meios regulares de transporte dificultava sobremaneira as respectivas comunicações. A partir da sede, o viajante, a cavalo, com bagagem em carro de bois, procurava o porto de embarque, do Conde, nas cheias, da Manga, à margem esquerda do Paraguai, quando baixavam as águas. Em canoa, batelão ou chalana, subiam, à força de remos ou zingas, por três dias de navegação, até Corumbá, onde se proviam de artigos de importação, indispensáveis à vida rude que suportavam heroicamente (CORRÊA FILHO, 1995, p.26).

Os lugares mais acessíveis aos moradores da Nhecolândia, nos quais se buscava suprir a falta de recurso existente no campo, além de Corumbá, que, com a abertura do Rio Paraguai para livre navegação tornou-se um importante e movimentado entreposto, eram Cuiabá-MT, Rio do Janeiro, então capital do Brasil, Assunção, no Paraguai, e Montevideú, no Uruguai. O acesso a essas cidades se dava, essencialmente, por via fluvial. “Pelo Porto da Manga, portão de entrada da Nhecolândia, cada 15 dias passavam vapores do Loyde Brasileiro, que manteve linha regular no Rio Paraguai entre as cidades de Montevideú, Assunção e Corumbá [...]” (PROENÇA, 1997, p. 143). Cada vez que alguém da família havia de dar continuidade aos estudos ou necessitava de cuidados médicos encaminhava-se a uma dessas cidades, como se pode observar nos escritos memorialistas de José de Barros:

1898. Deveria seguir para Assunção do Paraguai, onde desejava tratar da sua saúde e de Chechê – que se havia agravado.

1904. Dia 28 - Voltei ao Buriti, deixando minha mulher com as crianças em Corumbá em casa do Nheco que então morava à rua Cândido Mariano.

1919. Fevereiro 2 – Julieta seguiu para o Rio, a continuar seus estudos no Colégio Sion.⁴

⁴ BARROS, 1959, p. 41 *sequentia*.

As adversidades aos poucos foram sendo vencidas:

1902 -1904. Janeiro. Dia 22 – Chegou ao Firme o Major Candido Mariano, para proceder às primeiras explorações do traçado, por onde mais tarde, deverá passar a linha telegráfica, a qual já está no Coxim.

1923. Janeiro 25 – Grande sucesso pela chegada de um automóvel no Aguassuzinho. O Estevão Gomes nos veio trazer esta significativa prova de progresso, que em futuro muito breve poderá chegar à nossa zona pelo tráfego desses motores gasolina.

1927. Março 16 – Passa por cima da cidade de Corumbá, o hidroavião Sta. Maria, o primeiro que percorre os céus de Mato Grosso.⁵

A criação de gado, que no início não gerava muitos lucros, tornou-se uma atividade bastante lucrativa, foi aperfeiçoada, novas raças foram introduzidas nos campos do Pantanal, os criadores começaram a se organizar, fundaram sindicato e os negócios foram expandidos. A procura de gado pantaneiro pelos paulistas, mineiros, goianos e outros aumentou gradativamente. Dois fatos foram decisivos para essa expansão: a construção de frigoríficos em São Paulo e da Estrada de Ferro NOB (Noroeste Brasil), que se estendia de Bauru, no interior do paulista, até Porto Esperança, distrito de Corumbá.

“O Pantanal da Nhecolândia não passava de uma grande família. De uma grande família que se reuniu um dia para traçar o mapa [...] A região se formou de Barros e Silva. Foram eles que deram à região uma feição familiar própria” (PROENÇA, 1997, p. 135).

As terras de Joaquim Eugênio Gomes da Silva, amigos e familiares, à custa do ímpeto desbravador, transformaram-se numa significativa região para o Estado de Mato Grosso do Sul.

1.4 Pantanal da Nhecolândia: dias atuais

Passado mais de um século, a região obteve alguns progressos, não muito além dos presenciados pelos desbravadores.

A atividade agropecuária passou por processo de modernização e se

⁵ BARROS, 1959, p. 41 *sequentia*.

manteve como a principal fonte econômica da região. As propriedades rurais, na maioria, não configuram mais latifúndios, e os seus proprietários residem na cidade.

Estradas foram abertas, pontes foram construídas, mas não se encontram em bom estado de conservação, e isso faz com que a Nhecolândia continue sendo um lugar de difícil acesso, de modo que seus moradores continuam vivenciando o isolamento. A escassez de recursos persiste, não há posto médico, agência postal. Também não há igreja, apenas capelas nas fazendas onde esporadicamente realiza-se culto religioso. Há duas escolas que atendem até a quinta série do ensino fundamental, uma localizada na Fazenda Firme e outra em regime de internato na Fazenda Inhumirim da EMBRAPA, que mantém uma base de pesquisa na região. Atualmente existe energia elétrica e sistema de telefonia móvel que viabiliza a comunicação.

Os moradores não vão com frequência à cidade, somente se necessário. A vida, os costumes continuam sendo simples. O Pantanal da Nhecolândia conserva-se bucólico.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

[...] a lingüística só pode ser definida como estudo da comunidade social em seu aspecto lingüístico. E, por sua vez, a sociolingüística só pode ser definida como a lingüística.

(Louis-Jean Calvet)

Este trabalho é realizado com base nos pressupostos teóricos da Sociolingüística⁶, ou Teoria da Variação e da Mudança Lingüística, em uma concepção de língua heterogênea e variável.

2.1 Língua e sociedade

No decorrer da história dos estudos lingüísticos, nem sempre a relação entre língua sociedade foi considerada. “Em cada época, as teorias lingüísticas definem, a seu modo, a natureza e as características relevantes do fenômeno lingüístico. E, evidentemente, a maneira de descrevê-lo e de analisá-lo” (ALKIMIN, 2005, p.22).

A Lingüística firmou-se como ciência a partir do ideário de Ferdinand Saussure, publicado no *Cours de Linguistique générale* (1916) por Charles Bally e Albert Sechehaye. Ao criar a dicotomia língua (fato social da linguagem)⁷ / fala, definir língua como um sistema que conhece apenas sua ordem própria e determinar que a Lingüística tivesse como único objeto a língua em si mesma e por si mesma, Saussure desconsidera a relação/língua sociedade.

Antoine Meillet, contemporâneo de Saussure, foi um dos combatentes na defesa de uma ciência lingüística que reconhecesse, amplamente, a língua como um

⁶ O termo sociolingüística foi cunhado em 1950 para referir-se às perspectivas conjuntas que os lingüistas e sociólogos mantinham em face das questões sobre as influências da linguagem na sociedade e, especialmente, sobre o contexto social da diversidade lingüística (ROMAINE *apud* MONTEIRO, 2000, p.25).

⁷ Para Saussure, a língua é elaborada pela comunidade; é somente nela que ela é social (CALVET, 2002, p.16).

fato social. “Por ser a língua um fato social resulta que a lingüística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação lingüística é a mudança social” (MEILLET *apud* CALVET, 2002, p.16).

Em 1964, Willian Bright reuniu um grupo de 25 pesquisadores na Universidade da Califórnia (ULCA) para apresentar e discutir trabalhos de cunho sociolingüístico, no intuito de definir os preceitos de uma teoria que fosse capaz de tratar da relação língua e sociedade e suas implicações.

Em 1968, Uriel Weinreich, Willian Labov e Marvin Herzog, publicam *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, apresentando alguns princípios para o desenvolvimento de uma teoria lingüística pautada na variabilidade ordenada da língua e na sua relação como meio social.

Mais tarde, em 1972, com a publicação de *Sociolinguistic Patterns*, de autoria de Willian Labov, os princípios da (sócio)lingüística, da teoria da variação e mudança lingüística, são consolidados.

2. 2 Sociolingüística

A Sociolingüística não deixa de considerar a língua como sistema, mas considera esse sistema sujeito as interferências de ordem externa, passível de variações e modificações, indissociável do meio em que se realiza:

O modelo de língua proposto aqui tem (1) estratos discretos, coexistentes, definidos pela co-ocorrência estrita, que são funcionalmente diferenciados e conjuntamente disponíveis a uma comunidade de fala; e (2) variáveis intrínsecas, definidas por co-variação com elementos lingüísticos e extralingüísticos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.123).

Numa classificação imediata, se subdivide em duas vertentes investigatórias, quais sejam, a variação e a mudança, podendo seu estudo centrar em fenômenos variáveis e/ou em processos de mudança lingüística que se desenvolvem “[...] (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.122).

As formas linguísticas concorrentes, as variantes, concorrem entre si por um longo tempo, até que uma se sobreponha a outra, ocorrendo então uma mudança linguística. Mas, isso não acontece sempre, variantes podem coexistir sem ocasionarem uma mudança:

Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variação e heterogeneidade. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme, nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.126).

Assim, a mudança é decorrente da variação, e, quase imperceptível, lenta e gradual.

Na teoria variacionista, dizer que a língua é variável não significa dizer que o sistema linguístico não reconhece regras, mas que, embora haja *regras categóricas*, invariáveis, em contrapartida há *regras variáveis* que:

Aplicam-se sempre quando duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto [...] duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo constituem, pois, uma *variável linguística*. As formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto, são denominadas de *variantes linguísticas* (MONTEIRO, 2002, p. 58 e 59).

As variantes linguísticas são diferentes formas de se dizer a mesma coisa, em mesmo contexto, com o mesmo valor verdade, mesmo assim, são classificadas como *padrão* ou *não-padrão*, *conservadoras* ou *inovadoras*, *prestigiadas* ou *estigmatizadas*, conceitos atribuídos com base em valores sociais. Por exemplo, as variantes empregadas por falantes da zona urbana, de classe social alta ou de maior grau de escolaridade, tendem a ser prestigiadas e consideradas norma-padrão, enquanto as empregadas por falantes da zona rural, de classe social baixa e menor grau de escolaridade tendem a ser estigmatizadas e consideradas desvios da norma-padrão, Tarallo (2003). Acrescenta-se aqui outra importante observação a esse respeito:

Os falantes não aceitam o fato de que duas expressões diferentes realmente “têm o mesmo significado” e existe uma forte tendência a atribuir diferentes significados a elas. Se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse

grupo serão transferidos a essa variante linguística. Sturtevant (1947) propôs um modelo geral de mudança linguística, mostrando a oposição de duas formas, cada qual favorecida por um grupo social particular. Quando a questão fica resolvida, e uma forma se torna universal, o valor social atribuído a ela (LABOV, 2008, p.290, 291).

Todos os níveis da língua são sujeitos à variação: fonético, fonológico, morfológico, sintático, lexical, estilístico-pragmático, porém nenhuma variação ocorre de maneira aleatória; é sempre condicionada por fatores lingüísticos ou extralingüísticos. “As variáveis, tanto lingüísticas quanto não-lingüísticas não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes” (MOLLICA, 2004, p.27

É, pois, tarefa da sociolingüística descrever a variação, sistematizá-la, demonstrar seus fatores condicionantes, de modo a comprovar sua não-aleatoriedade. A Sociolingüística, ou teoria da variação e da mudança, consiste, portanto, em “um modelo teórico metodológico que assume o ‘caos’ lingüístico como objeto de estudo”, afinal, “tudo aquilo que não pode ser prontamente processado, analisado e sistematizado pela mente humana provoca desconforto” (TARALLO, 2003, p. 6 e 5).

O sociolingüísta procura centrar seus estudos na estrutura sócio-lingüística e na regra variável com os possíveis condicionamentos. É importante, igualmente, mostrar nas descrições motivos pelos quais o fenômeno está ocorrendo. Não basta dizer que ele existe. A aplicação da regra tem lá as suas causas. A regra variável consiste na representação formal de uma construção lingüística que não corresponde à norma. Trata-se do fenômeno da variação propriamente dito.

Em uma descrição sociolingüística, variáveis lingüísticas serão sempre correlacionadas a variáveis extralingüísticas, como sexo, escolaridade, classe social, localidade, entre outros, para que se chegue à natureza da variação, que pode ser de ordem interna ou externa ao sistema lingüístico:

“Fatores lingüísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento lingüístico” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.126).

As variáveis não linguísticas são classificadas como geográficas ou sociais⁸, sendo as principais variáveis sociais gênero/sexo, faixa etária e grau de escolaridade.

Uma mesma língua poder ser falada de diferentes maneiras de acordo com a região, a origem do falante. A localização de uma determinada região, sua história e cultura podem ser representadas na fala local, estabelecendo uma variável geográfica. Assim,

De uma perspectiva dialetológica, por outro lado, a sociolinguística pode se ocupar mais em estabelecer as fronteiras entre os diferentes falares de uma língua. Dessa perspectiva, interessa ao pesquisador verificar se os falantes de uma língua apresentam diferenças nos seus modos de fala de acordo com o lugar em que estão (BELINE, 2003, p.125).

Quanto à variável gênero/sexo, Segundo Paiva (2004), consta como primeiro estudo referencial a respeito: “As Influências sociais na escolha de variantes linguísticas”, desenvolvido por Fischer (1958); a análise da variável linguística “pronúncia de - ing”, sufixo indicativo de gerúndio na língua inglesa, como em *speaking* (falando), cujas variantes encontradas foram realização [ɪ], velar, prestigiada e [n] dental, desprestigiada. Por meio deste estudo, constatou-se que a mulheres tendiam a utilizar a variante de prestígio com mais freqüência do que os homens. Essa tendência viria a se repetir na maioria dos estudos lingüísticos que correlacionam a variável gênero/sexo. Estudos, em geral, demonstram que as mulheres são mais conservadores quando estão diante de formas variantes padrão, prestigiadas; e inovadoras diante de formas variantes não-padrão, prestigiadas.

Para Labov, essa postura da mulher decorre do papel que desempenha na educação dos filhos, da responsabilidade de ensinar, de repassar tradições, do contato mais direto que mantém com eles. Assim sendo, a mulher ora atua como conservadora das tradições, ora como grande propagadora de mudanças:

“Na medida em que os pais influenciam a língua inicial das crianças, as mulheres influenciam mais ainda; as mulheres certamente conversam mais do que os homens com as criancinhas e têm uma influência mais direta durante os anos em que as crianças estão formando regras linguísticas com maior rapidez e eficiência” (LABOV, 2008, 342).

⁸ (Classificação apresentada por CALVET, 2002, p.89-90).

Paiva (2004, p.41), chama atenção para o fato de que antes de analisar o desempenho da variável gênero/sexo, é preciso ter um entendimento do papel que homem e mulher representam na sociedade, “[...] qualquer explicação acerca da variável gênero/sexo requer uma certa cautela, vistas as peculiaridades na organização social de cada comunidade linguística [...] à definição dos papéis feminino e masculino”.

Em relação à variável faixa etária, observa-se, empiricamente, diferença entre a fala da criança, em fase de aquisição, a do jovem e do mais velho, cada faixa etária representa estágios linguísticos diferentes.

Todas as mudanças submetidas ao exame empírico cuidadoso até a agora têm mostrado distribuição contínua através de sucessivas faixas etárias da população [...] A transferência parece ocorrer entre grupos de pares de faixas etárias levemente diferentes; todas as evidências empíricas reunidas até agora indicam que as crianças não preservam as características dialetais de seus pais, mas sim as do grupo de pares que domina seus anos pré-adolescentes (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.122).

Por meio do estudo da fala de pessoas de diferentes faixas etárias é possível observar mudanças em progresso, mudanças ocorridas ou um quadro estável de variação.

Esse tipo de estudo recebe o nome *de tempo aparente*, que se contrapõe ao estudo em *tempo real*, no entanto, não excludentes, ao contrário, devem ser combinados, pois mudanças passadas podem ser compreendidas por meio de manifestações linguísticas do presente, e o inverso. Daí, a importância da estratificação etária para o desenvolvimento de estudos em *tempo real* e *tempo aparente*⁹.

Quanto à variável escolaridade, essa será manifesta na fala conforme o grau de escolarização do falante; e não poderia ser diferente, pois a escola é a maior responsável pela padronização da língua, por repassar as normas linguísticas consideradas padrão, logo, indivíduos mais escolarizados tenderão a utilizar mais variantes padrão, prestigiadas, enquanto, as variantes não-padrão, estigmatizadas tenderão a ocorrer com maior frequência na fala dos menos escolarizados.

⁹O tempo aparente refere-se, pois, ao padrão de distribuição do comportamento linguístico através de vários grupos etários num determinado período do tempo [...] o tempo real refere-se a desenvolvimento na evolução linguística num período arbitrário de tempo. Relaciona-se, pois, ao aspecto sincrônico da língua (MONTEIRO, 2002, p.132, 133).

[...] em toda a comunidade existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência. Eles exibirão uma alternância estilística maior do que aqueles que não reconhecem tais padrões (LABOV, 2008, p. 251).

No desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística, a escolha das variáveis não linguísticas deve ser realizada de acordo com critérios estabelecidos previamente pelo pesquisador, com base na observação de seu objeto de estudo; a inclusão de uma variável em um pacote de análise deve seguir orientações metodológicas próprias, apresentadas no capítulo seguinte.

A variação linguística deve ser observada no vernáculo, matéria de estudo do pesquisador sociolinguista:

A língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (*o que*) sem preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o *mínimo* de atenção é prestado à língua, a como da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizada aqui como o vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística.

Mas, o acesso ao vernáculo não é tarefa fácil, as entrevistas realizadas para coleta de dados, que visam situações linguísticas específicas, distância o falante da forma vernácula, no termo exposto anteriormente, e coloca o pesquisador diante de um paradoxo, pois:

[...] o objetivo da pesquisa [é observar] como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática. O problema, evidentemente, não é insolúvel: ou achamos maneiras de suplementar as entrevistas formais com outros dados, ou mudamos a estrutura da situação de entrevista de um jeito ou de outro (LABOV, 2008, p. 244).

É preciso salientar que, à sociolinguística, não cabe somente a observação e descrição dos fenômenos variáveis; um importante avanço obtido nos estudos sociolinguísticos foi a incorporação de procedimentos de análise estatística que permitem quantificar a frequência com que determinado fenômeno de variação ocorre, identificar com maior precisão a intersecção do linguístico e do social no

processo de variação e os casos de mudança linguística¹⁰:

Não basta falar em termos do que é diferente e do que é igual, no interior das comunidades linguísticas e entre ela. Precisamos saber o quanto se é diferente e o quanto se é igual. Nesse sentido, para estudar a variação linguística, torna-se necessário usar um modelo de análise que opere com quantidades de dados [...] somos capazes de perceber distinções mais sutis, que se revelam não na presença ou ausência de uma determinada forma linguística, mas na quantidade com que tal forma aparece na fala de um indivíduo ou de um grupo (BELINE, 2002, p.130).

Por fim, cabe à sociolingüística, então, descrever a heterogeneidade lingüística, provar sua sistematicidade e, com isso, colaborar para que a variação não seja vista como uma irregularidade, mas sim como uma característica inerente ao sistema lingüístico, que precisa ser descrita para que se compreenda melhor seu funcionamento, e, a partir disso, sejam desenvolvidos meios de ensino de língua mais coerentes com a realidade, pautados na diversidade linguística.

¹⁰ No capítulo "Procedimentos Metodológicos", constam mais informações sobre análise quantitativa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para conhecer a cultura pantaneira há de se ir às raízes, é necessário que se vá ao chão para buscar a rusticidade e a simplicidade do homem do Pantanal. É preciso retirar as botas e atolar os pés na alma dos brejos e na relva das baías, porque ela não é coisa que se deixe aprisionar pelo frio entendimento de um estudioso de gabinete.

(Augusto César Proença)

Este capítulo destina-se à descrição dos procedimentos metodológicos utilizados na realização da pesquisa *A linguagem do pantaneiro: perspectiva sociolingüística*.

Segundo Ferreira; Cardoso (1994), são quatro os passos a serem dados para a realização de uma pesquisa dialetal: preparação da pesquisa, execução dos inquéritos, exegese e análise dos materiais recolhidos e divulgação dos resultados obtidos.¹¹ A seguir, são descritos os dois primeiros passos; sendo o corpo deste trabalho a concretização dos passos seguintes.

3.1 Preparação da pesquisa

A preparação de uma pesquisa de cunho dialetológico e sociolingüístico consiste em definir, primeiramente, o aspecto lingüístico a ser estudado; determinar a localidade a ser pesquisada e fazer um levantamento a respeito de suas características geográficas, históricas, culturais e econômicas; definir o método de inquérito; elaborar um roteiro de entrevista.

De antemão, cabe observar que, antes da viagem para a execução dos inquéritos, foi feita uma primeira visita ao Pantanal da Nhecolândia no intuito de obter um melhor conhecimento da região, conhecê-la de perto, e, conseqüentemente, estruturar a pesquisa de maneira condizente com a realidade

¹¹ A sociolingüística utiliza-se de métodos da pesquisa dialetológica com algumas atualizações, adaptações. “Da união entre dialetologia e sociolingüística, dependendo do enfoque, pode-se fazer um estudo percuciente da língua” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2003, p.51).

local. Essa visita foi realizada juntamente com a equipe do *Laboratório de Estudos Ambientais*, da UFMS/ *Câmpus* de Três Lagoas, coordenada pelo Prof. Dr. Arnaldo Yoso Sakamoto, que há anos estuda a região,

3.1.1 A escolha da localidade

Como já explicitado no capítulo I, o Pantanal da Nhecolândia é uma região fronteiriça que abriga gente vinda dos países vizinhos, Bolívia e Paraguai, e de outras partes do Brasil, relevantes economicamente para o desenvolvimento do Estado de MS, graças as suas criações de gado. Dadas essas características, a escassez de estudos que contemplam a fala sul-mato-grossense, a diversidade cultural da região, que, indubitavelmente, reflete-se na fala do pantaneiro nhecolandense, foi considerada pertinente a realização de uma pesquisa que retratasse aspectos da fala local, nesse caso, os fonéticos, tendo em vista que:

A determinação da área a ser submetida à investigação dialetal define-se em razão de sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que tem sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada [...] (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 24).

A escolha da área em questão foi ancorada também em pesquisas lingüísticas anteriores que apontaram diversidades e peculiaridades na fala local, como, os inquéritos do *Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul*¹² (ALMS), e *A linguagem do homem pantaneiro*, de Nogueira (1989).

3.1.2 A elaboração do guia de perguntas

A elaboração de um guia de perguntas, ou questionário, antes que se saia a campo para coletar dados lingüísticos, é imprescindível, pois “o questionário

¹² O Pantanal da Nhecolândia é uma das 32 localidades que compõem a rede de pontos de inquéritos do ALMS.

oferece desde logo, duas vantagens: a de se poder, metodicamente, investigar determinados grupos de designações e auxiliar, portanto, a memória do inquiridor ou inquiridores, e a de ser aplicável a todo território [...]” (SILVA NETO, 1976, p. 195).

O questionário, instrumento de coleta, deve ser elaborado, pensado a partir das características lingüísticas e culturais da região a ser pesquisada e das hipóteses a serem provadas.

Como o objetivo desta pesquisa é o de apreender variações fonéticas da fala pantaneira em contextos específicos, elaborou-se um guia de perguntas do tipo palavra-coisa, com 75 questões, 46 retiradas do questionário fonético-fonológico do ALMS e 28 do *Atlas Lingüístico do Brasil* (ALiB), que não se dirigem a um campo semântico específico, mas sim a determinados componentes fonéticos a serem estudados. O guia consta no apêndice A.

3.1.3 A seleção dos informantes

Os informantes foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: escolaridade, faixa etária, naturalidade, sexo. O informante deveria ser analfabeto ou ter cursado no máximo até a quarta série do ensino fundamental, ter mais de 45 anos de idade, ser morador da Nhecolândia, ter nascido na região do Pantanal ou nela ter residido a maior parte de sua vida. O fator sexo/gênero foi o único estabelecido como variável extralingüística; logo, foi entrevistado um mesmo número de homens e mulheres que preenchessem os critérios estabelecidos.

Essa seleção compõe uma amostra da comunidade pesquisada, e essa amostra é constituída a partir da metodologia da pesquisa variacionista, que orienta estabelecer as variáveis, multiplicá-las entre si, pelo número mínimo de informantes e por células; chegando-se, assim a um número considerado ideal que represente uma amostra da comunidade. “Uma célula de 5 indivíduos é minimamente satisfatória, embora haja amostras no Brasil com células de até 2 informantes” (MOLLICA; BRAGA, 2004, p.121).

No caso desta pesquisa, a equação foi a seguinte: moradores do Pantanal da Nhecolândia (1X), analfabetos (1X), com mais de 45 anos de idade (1X), variável sexo: homem + mulher (2X) = 2 X o número de informantes por célula

4 = 8. Portanto, a amostra desta pesquisa é composta de oito informantes, quatro homens e quatro mulheres.

Quadro 1 - Perfil dos informantes

NOME	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE
D. R	74	feminino	analfabeto
E. O	56	masculino	primário completo
H.E	76	masculino	formação rudimentar
N.C	55	feminino	formação rudimentar
P.S	72	masculino	analfabeto
R.S	55	feminino	primário incompleto
R.T	51	masculino	primário completo
V.S	48	feminino	analfabeto

A escolha por uma única faixa etária, por informantes com mais de 45 anos de idade, foi feita visando registrar a fala do autêntico pantaneiro, do nativo, pois entre os mais jovens poucos cumprem esse requisito.

É preciso observar, ainda, que foi muito difícil encontrar informantes do sexo feminino que se enquadrassem no perfil preestabelecido. Aparentemente, os homens são maioria; é comum apenas eles residirem no Pantanal durante o período de suas atividades e manterem casas na cidade, onde residem suas famílias e para onde vão periodicamente, ou ao término da empreita do trabalho.

Os dados pessoais de cada informante foram catalogados na “ficha do informante”, apêndice B.

3.2 A execução dos inquéritos

Os inquéritos foram realizados *in loco*, nas residências dos informantes, nos dias 12,13 e 14 de julho de 2006. Durante esses três dias, percorreu-se o Pantanal da Nhecolândia, área de difícil acesso, em busca de pessoas que se enquadrassem no perfil de informante preestabelecido, tarefa nada fácil, mas, com o auxílio dos próprios moradores da região, foi possível encontrá-los; dispostamente responderam às perguntas e tornaram este trabalho possível.

Foram realizados inquéritos em diferentes pontos do Pantanal da Nhecolândia: três no “Sítio Japorá”, três na “Fazenda Cácere” e outros dois na

“Fazenda Alegria”.

3.2.1 Material utilizado

Para a gravação das entrevistas utilizou-se gravador digital *Powerpack/DVR-SD 3850*. Foram utilizados ainda os programas *Cool Edit* para segmentar o áudio das entrevistas, resposta por resposta, e o *Transcriber* para auxiliar no trabalho de transcrição. A pesquisa conta também com um registro fotográfico da localidade percorrida e das pessoas entrevistadas, feito por meio de máquina fotográfica digital *Olympus D-350*. O registro fotográfico do trabalho de campo consta no Apêndice C.

3.3 Transcrição

O áudio das entrevistas foi gravado em formato digital, extensão *wave*, posteriormente transferido para o computador e transcrito foneticamente, utilizando a fonte *IPA Kiel*. Não foi transcrita toda a resposta do informante, toda sua fala, apenas o objeto fonético. Optou-se por transcrição fonética ampla de todo o material coletado, norteadas pelo trabalho de SILVA (2002).

Na tabela a seguir estão listados os símbolos fonéticos utilizados no trabalho de transcrição:

Símbolos Fonéticos	
Vogais:	
[a]	oral baixa central
[ə]	oral média-baixa central
[e]	oral média-alta central
[ɛ]	oral média-baixa anterior não arredondada
[i]	oral alta anterior não arredondada
[ɪ]	oral alta anterior não arredondada postônica final

[o]	oral média-alta posterior arredondada
[ɔ]	oral média-baixa posterior arredondada
[u]	oral alta posterior arredondada
[ʊ]	oral alta posterior arredondada postônica final
Consoantes:	
[p]	oclusiva bilabial desvozeada
[b]	oclusiva bilabial vozeada
[t]	oclusiva alveolar desvozeada
[d]	oclusiva alveolar vozeada
[k]	oclusiva velar desvozeada
[g]	oclusiva velar vozeada
[tʃ]	africada alveopalatal
[dʒ]	africada alveopalatal vozeada
[f]	fricativa labiodental desvozeada
[v]	fricativa labiodental vozeada
[s]	fricativa alveolar desvozeada
[z]	fricativa alveolar vozeada
[ʃ]	fricativa alveopalatal desvozeada
[ʒ]	fricativa alveopalatal vozeada
[x]	fricativa velar desvozeada
[m]	nasal bilabial vozeada
[n]	nasal alveolar vozeada
[ɲ]	nasal palatal vozeada
[r]	tepe alveolar vozeado
[ʀ]	vibrante alveolar vozeada
[ɻ]	retroflexa alveolar vozeada
[l]	lateral alveolar vozeada
[w]	lateral alveolar vozeada velarizada
[ʎ]	lateral palatal vozeada
[̃]	elemento nasal palatal
[ˈ]	símbolo que indica sílaba tônica

Quadro 2 - Símbolos fonéticos utilizados na transcrição do *corpus*

3.4 Delimitação do *corpus*

Obteve-se por meio dos inquéritos realizados no Pantanal da Nhecolândia uma grande quantidade de dados que sugerem múltiplos estudos fonéticos, porém, dada a natureza desta pesquisa, um trabalho de conclusão de mestrado, foi preciso delimitar o *corpus* a ser estudado. O *corpus* obtido com as entrevistas é composto

por cerca de 600 ocorrências geradas por meio das respostas dadas às 75 questões do questionário fonético-fonológico, o que possibilita o trabalho sobre vários aspectos fonéticos da língua portuguesa. Deste material, foram descartadas as respostas prejudicadas, não produtivas, e só selecionadas, aproximadamente, 100 ocorrências do *corpus*, a partir das quais foi possível analisar a realização do fonemas / t / e / d /, / l /, / s /, um caso de epêntese e aférese.

3. 5 Quantificação do corpus

Em um trabalho de cunho quantitativo, como este, faz-se necessário o cumprimento de mais uma etapa antes das análises: a delimitação, a codificação e a submissão do *corpus* a um operador estatístico.

Ao pesquisador variacionista cabe identificar os fenômenos lingüísticos variáveis de uma dada língua, inventar suas variantes [...] identificar, levantar e codificar os dados relevantes submetê-los a tratamento estatístico adequado e interpretar os resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas (SCHERRE, 1996, p.43).

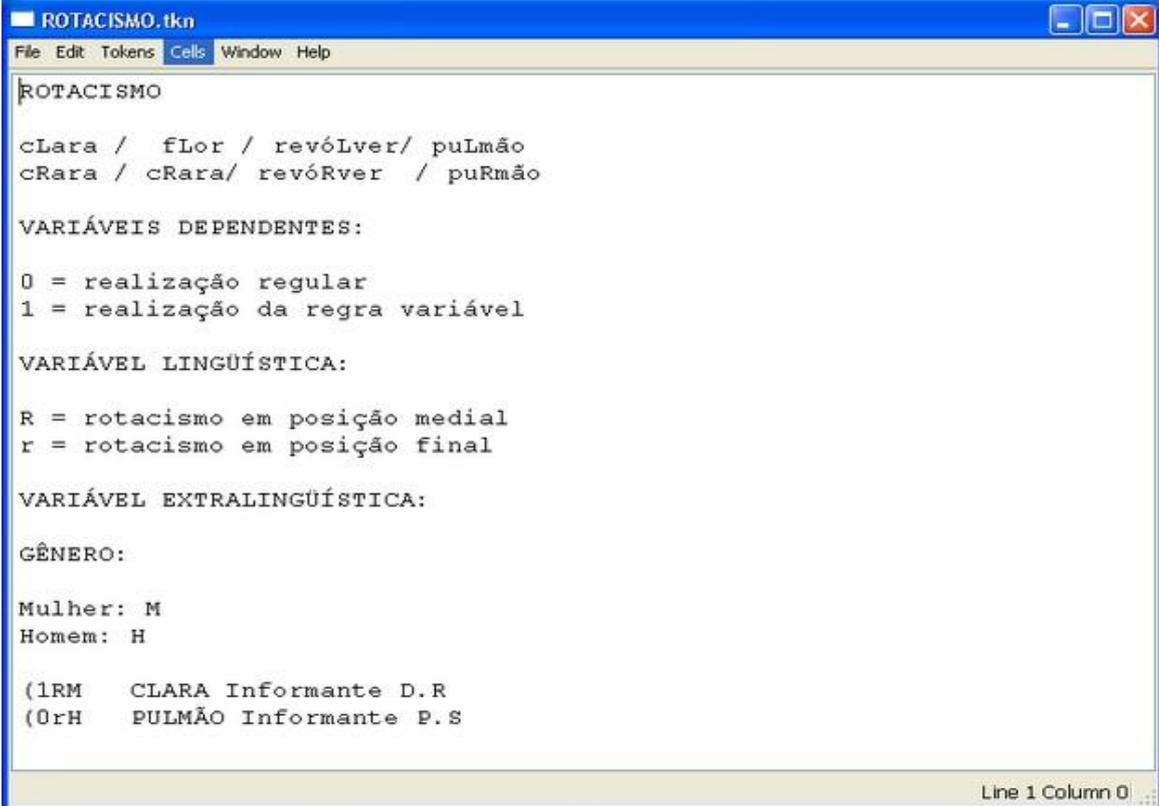
Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado o *Goldvarb X* (2005), a versão mais recente do programa computacional *Varbrul* (1988), desenvolvido a partir de pesquisas realizadas na *University of Pennsylvania*, *University of Ottawa* e na *Université de Montreal*, especialmente para servir de ferramenta estatística em trabalhos lingüísticos.¹³

O *Goldvarb* gera percentuais, peso relativo, nível de significância, probabilidade de ocorrências. Cabe ao pesquisador utilizar os recursos do programa conforme o *corpus* do seu trabalho e a análise que pretende fazer. Neste trabalho, optou-se por analisar as variações a partir das percentagens geradas pelo *Crosstabulation* (tabela com cruzamento entre o grupo de variáveis dependentes e independentes).

Mas, para que o programa execute essas operações é necessário

¹³ O programa GoldVarb X e seu manual de execução estão disponíveis para download a partir da página http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm

codificar os dados lingüísticos. Atribui-se um código para cada uma das variáveis e variantes lingüísticas e extralingüísticas, conforme exemplifica a figura a seguir:



```
ROTACISMO

cLara / fLor / revóLver/ puLmão
cRara / cRara/ revóRver / puRmão

VARIÁVEIS DEPENDENTES:

0 = realização regular
1 = realização da regra variável

VARIÁVEL LINGÜÍSTICA:

R = rotacismo em posição medial
r = rotacismo em posição final

VARIÁVEL EXTRALINGÜÍSTICA:

GÊNERO:

Mulher: M
Homem: H

(1RM CLARA Informante D.R
(0rH PULMÃO Informante P.S
```

Figura 1 - Arquivo de códigos do *Goldvarb*.

Cumprida essa etapa, inicia-se a análise do *corpus*, a interpretação dos números gerados pelo *Goldvarb* pautando-se na Teoria da Variação e da Mudança Lingüística. É válido observar, no entanto, que “o progresso da ciência não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode fazer para o nosso entendimento das línguas humanas” (NARO, 2004, p.25).

4 VARIAÇÕES FONÉTICAS NO FALAR PANTANEIRO

Feita a apresentação da região pesquisada, da teoria que norteia a pesquisa e da metodologia utilizada para seu desenvolvimento, no amparo desses procedimentos, passa-se agora à descrição do objeto deste trabalho, os aspectos fonéticos da linguagem pantaneira e suas variações, uma descrição da pronúncia da língua realizada pelos moradores do Pantanal da Nhecolândia.

4.1 A realização de / t / e / d /

“Alguns fonemas apresentam uma variação relativa na sua realização. Outros, como as consoantes oclusivas / t / e / d /, apresentam uma variação sistemática a depender do contexto fônico e da região do país” (CALLOU; LEITE, 2005, p.73). Assim, este item do trabalho destina-se a descrever a realização / t / e / d / no falar do Pantanal da Nhecolândia, buscando possíveis variações lingüísticas e causas.

Estudos acerca do português brasileiro (PB) demonstram que os fonemas / t / e / d / diante de / i / e / e / atualizado como [ɪ] podem ser realizados como oclusivas alveolares [t] e [d] ou africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], ocorrendo neste caso o processo de palatalização das oclusivas alveolares; logo, constituem uma regra variável.

Segundo Ilari; Basso (2006, p.168), “a palatalização [...] é fenômeno generalizado em todo território brasileiro, com exceção [de parte] ¹⁴ do interior de São Paulo e da região Sul [...], regiões de Pernambuco, do Ceará, do Maranhão e do Piauí”.

Com base em dados do Projeto ALMS, pode-se afirmar que, em Mato Grosso do Sul, predomina a produção palatalizada desses fonemas, todavia registra-se também a produção não palatalizada no sul do Estado, região de influência gaúcha, e nas regiões de divisa com os países de colonização espanhola, incluindo

¹⁴ Termos acrescidos.

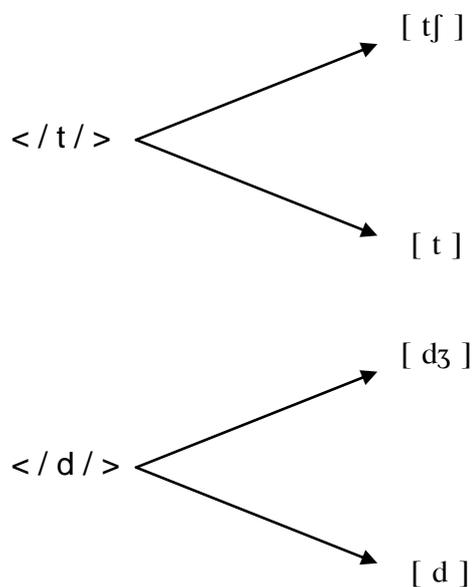
o município de Corumbá.

Sauer (2004) estudou a realização de / t / e / d / na fala dos moradores das capitais de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Em Campo Grande-MS, somente a forma palatalizada foi registrada; já em Cuiabá-MT, foram registrados 50% de realização para cada uma das variantes.

Em 1989, um estudo dialetológico sobre a linguagem pantaneira registrou o seguinte na fala dos moradores do Pantanal Nhecolândia: “as consoantes / t / e / d / realizaram-se ora como oclusivas, ora como levemente africadas [t] e [d], [tʃ] e [dʒ] diante de / i /” (NOGUEIRA, 1989, p.23).

Para este trabalho buscou-se a produção de vocábulos cujos ambientes fonéticos fossem propícios à variação de / t / e / d / com o auxílio do guia de perguntas. Nesse intuito as seguintes perguntas foram dirigidas aos informantes: *O que é seu, o irmão de seu pai ou de sua mãe?; Quanto tempo é uma semana?*, na expectativa das respostas / tio / e / dia /, conseqüentemente da realização dos fonemas em questão.

Passados quase 20 (vinte anos) da pesquisa de Nogueira, a aplicação dessa regra variável foi observada novamente e analisada sob uma óptica quantitativa na fala de moradores do mesmo Pantanal. Para isso, considerou-se como aplicação da regra a ocorrência da forma palatalizada; como não aplicação, a ocorrência da forma não-palatalizada; as variáveis dependentes / t / e / d /, suas respectivas variantes [t] e [d], [tʃ] e [dʒ], e a variável independente, extralingüística, sexo.



Os dados referentes a esse fenômeno foram estratificados, codificados e submetidos ao *Goldvarb X*, conforme os procedimentos metodológicos (capítulo III). Ainda é preciso observar que a palatalização de / t / e / d /, como de praxe, foi estudada conjuntamente por se tratar de fonemas com mesmo ponto e modo de articulação, que diferem somente na sonoridade, um desvozeado e outro vozeado.

Neste trabalho, registrou-se mais uma vez a alternância na forma de produção dos fonemas / t / e / d /. A análise estatística revelou um equilíbrio no uso das variantes: ambas obtiveram 50% de uso, índice semelhante ao registrado, em estudo anterior, na capital mato-grossense (SAUER, 2004).

A análise da interação dos fatores lingüísticos (palatalização X não palatalização, palatalização de / t / X palatalização de / d /) com o fator extralingüístico sexo (homens X mulheres) demonstra, todavia, que o uso das variantes não ocorre proporcionalmente. O gráfico a seguir ilustra a distribuição da ocorrência das variantes:

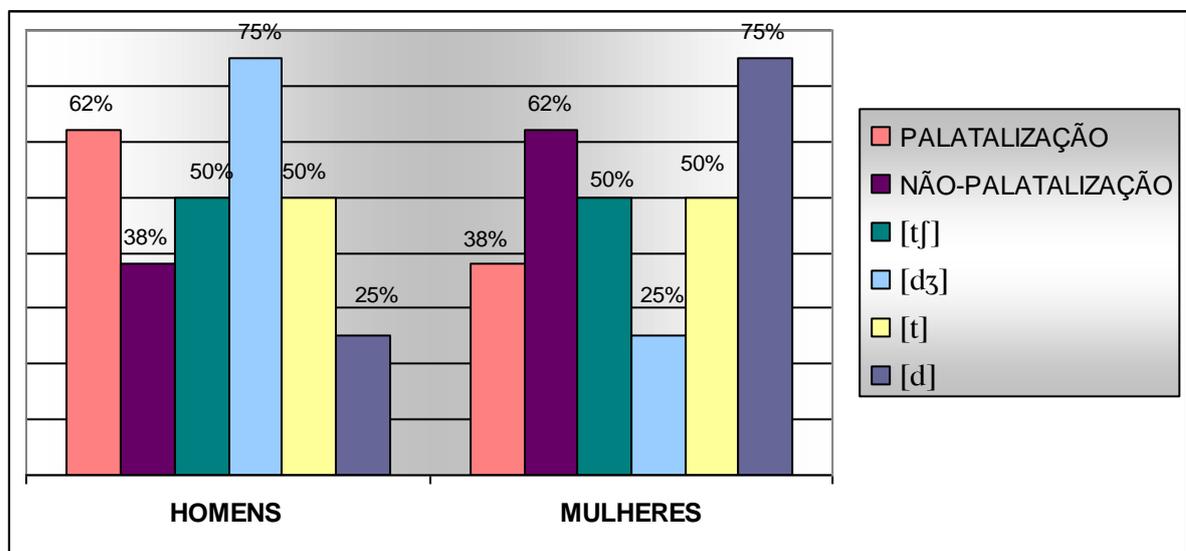


Gráfico 1 – Realização de / t / e / d /

Homens e mulheres palatalizam igualmente / t /, 50%, mas quando se trata da palatalização de / d /, o percentual é maior entre os homens, 75% contra 25% das mulheres.

Tabela 1: Aplicação da regra em relação ao fonema / t / X / d /

FONEMA	APLICAÇÃO	TOTAL	%
/ t /	4	8	50%
/ d /	4	8	50%

Tabela 2: Aplicação da regra X variável sexo

SEXO	APLICAÇÃO	TOTAL	%
MASCULINO	5	8	62%
FEMININO	3	8	38%

De modo aparente, não existe uma explicação para uma maior concentração da atualização palatalizada de / t / na fala masculina; para tanto, poder-se-ia estudar o fenômeno de palatalização de / t / e / d / separadamente em contexto mais amplo.

As mulheres mostraram-se mais conservadoras em relação à aplicação da regra variável, confirmando uma tendência apontada pelos estudos variacionistas.

O fato das mulheres se revelarem lingüisticamente mais conservadoras [...] pode ser em grande parte, resultado de um processo diferenciado de socialização de homens e mulheres e da dinâmica de mobilidade social que caracteriza cada comunidade de fala (PAIVA, 2004, p.40).

Esse parece ser o caso do Pantanal da Nhecolândia, onde, na maioria das vezes, “quem chega e quem vai” são os homens; as mulheres, de modo geral, dedicam-se exclusivamente à vida doméstica e pouco se ausentam da região; conseqüentemente, seus contatos lingüísticos são mais restritos, estão menos expostas a outras variedades de falar.

Convém observar, ainda, a ocorrência de variação individual na fala de

um mesmo informante, registrou-se articulação oclusiva e africada dos fonemas, como nos exemplos ['tiʊ] e ['dʒiaf], ['tʃiʊ] e ['dia].

A observação dos registros obtidos por meio deste estudo, somados ao registro do trabalho de Nogueira (1989), pautada na teoria variacionista, permite dizer que a realização dos fonemas / t / e / d / diante de / i / encontra-se em variação no Pantanal da Nhecolândia. E mais: configura, no momento, um quadro de variação estável, considerando que “as variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até mesmo por séculos” (MOLLICA, 2004, p.11).

No caso da Nhecolândia, a variação desses fonemas está, como em todas as regiões do Brasil, condicionada pelo contexto fônico e, também, pela diversidade de falares que chegaram ao Pantanal. É resultado da forma não-palatalizada comum à fala do colonizador do norte de Mato Grosso, e da forma palatalizada comum no falar dos que vieram das terras do sul do então Mato Grosso e de outras tantas partes país.

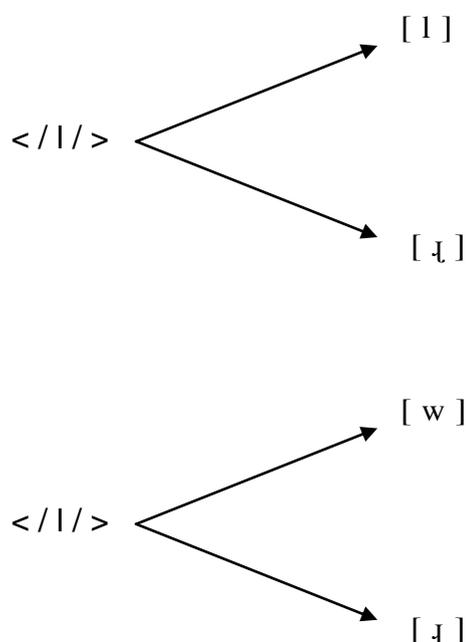
4.2 A realização de /l/

A realização do fonema / l /, a depender do ambiente fonético, constitui também uma regra variável no português brasileiro (PB). No meio de sílaba pode ser realizado como [l] lateral alveolar vozeado, [r] rafe alveolar vozeado; no final de sílaba, como [ɫ] [w] lateral alveolar vozeada velarizada ou vocalizada, [ɻ] retroflexa alveolar vozeada, e ainda como [ø] fonético. Teyssier (2001, p. 103) comenta:

Na pronúncia mais comum o [ɫ] velar, que é, em Portugal, a realização de todos os /l/ em final de sílaba, vocaliza-se em [w]. Escreve-se *animal*, *Brasil*, *amável*, *sol*, e pronuncia-se [animaw], [braziw], [amávew], [sow]. A distinção entre *mal* (advérbio) e *mau* (adjetivo) desaparece. Somente o extremo sul do país mantém regularmente a antiga distinção. Em registros muito vulgares dá-se até o desaparecimento puro e simples o antigo /l/ em posição final absoluta: ex.: *generá* (*general*), *coroné* (*coronel*). Quando fecha sílabas internas, documenta-se, nos mesmos registros, a sua passagem a *r*, ex.: *arto* (*alto*), *vorta* (*volta*).

Com o objetivo de observar a realização do fonema / l /, quatro perguntas foram feitas aos informantes, moradores do Pantanal da Nhecolândia: “No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome têm elas?”; “Antes das plantas darem frutos, elas dão_____?”; “Qual é a arma de fogo com uma peça que gira e se maneja com uma mão só?”; “Como se chama o órgão que enche de ar quando a gente respira?”, visando à produção dos vocábulos / clara/, / flor/, / revólver/ e / pulmão/; o emprego de / l / em posição medial e final de sílaba, respectivamente.

Em um primeiro momento, submeteu-se à análise do programa os dados referentes às ocorrências de / l / em posição final de sílaba, também na condição de variável dependente.



Nessa rodada foram registrados 62,5% de atualização de / l / como [ɫ], 35,5% como [w] e nenhum registro de [l].

O registro da vocalização do fonema / l / em final de sílaba na fala dos moradores do Pantanal da Nhecolândia vem somar-se a e confirmar tantos outros estudos realizados que demonstram esse fenômeno como uma característica do português falado no Brasil. A partir de pesquisa realizada em cinco capitais brasileiras, Leite; Callou (2004, p.47) reafirmam que a vocalização não pode ser considerada um traço da fala popular, restrito a algumas áreas do país, ao contrário, é uma propensão em todo o português brasileiro, exceto na variedade falada em algumas localidades da região sul do país.

Em um segundo momento, foram submetidos à análise do *GoldVarb X* somente com os dados referentes às ocorrências de / l / em posição medial de sílaba, na condição de variável dependente. O resultado dessa rodada foi o seguinte: em 75% das respostas o / l / foi realizado como [r] e 25% como [l].

A história da língua portuguesa registra a troca do / l / por / r / nesse contexto, na passagem no latim para o português o grupo consonantal *cl* transformou-se em *cr* : *clavo* > cravo, *clementia* > cremença (arc.); e o *fl* em *fr* : *flaccu* > fraco, *fluxu* > frouxo, entre outros exemplos. (COUTINHO, 2005).

No Pantanal da Nhecolândia registram-se:

[re'vɔwveɫ] ~ [re'vɔɫvi]

[puw'mãu] ~ [puɫ'mãu]

['klarə] ~ ['krarə]

['flɔɫ] ~ ['frɔɫ]

Como se pôde observar nos dados acima, a permuta dos segmentos, acontece também em contexto final, em fechamento de sílaba. Por isso, as 32 realizações de / l / obtidas por meio de respostas às perguntas relacionadas acima foram submetidas a uma terceira rodada de dados para analisar, em particular, a troca e / l / por / r /, fenômeno denominado como rotacismo.

Determinou-se, então, como variável depende a realização do fonema / l /, as variantes [l] e [w] como realização regular; as variantes [r] [ɫ] como aplicação da regra variável, o rotacismo, e ainda, como variável independente lingüística, a posição do fonema na sílaba: posição medial (CCV) e posição final (CVC); a variável independente extralingüística sexo: homem e mulher.

Essa terceira rodada resultou na confirmação da alta incidência do rotacismo na falar do Pantanal da Nhecolândia, em 69% das ocorrências / l / foi atualizado como / r /.

Tabela 3: Aplicação da regra em relação a variável independente lingüística

POSIÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL	%
MEDIAL	12	16	75%
<i>FINAL</i>	<i>10</i>	<i>16</i>	<i>62,5%</i>

Tabela 4: Aplicação da regra em relação a variável independente extralingüística

SEXO	APLICAÇÃO	TOTAL	%
MASCULINO	9	16	56,2%
<i>FEMININO</i>	<i>13</i>	<i>16</i>	<i>81,2%</i>

A aplicação da regra variável ocorreu em maior proporção em posição medial de sílaba e entre as mulheres, contrariando boa parte dos estudos a respeito da variável sexo, que constata que as mulheres tendem a ser mais conservadoras quando se trata do uso de variantes prestigiadas, este não é o caso das variantes [r] e [ɾ], estigmatizadas.

Quanto à maior incidência do rotacismo em posição medial, talvez essa se deva à própria história da evolução da língua portuguesa.

Provavelmente, a troca de / l / por / r / justifica-se em decorrência do ambiente lingüístico, e de fator escolaridade, afinal, os registros deste trabalho são de fala de pessoas que possuem baixo grau de escolaridade.

Segundo Bagno (2007, p.74), o rotacismo corresponde ao:

[...] prosseguimento de uma tendência muito antiga no português (e em outras línguas) que os falantes rurais ou não-escolarizados levam adiantes [...] Muitas dessas palavras com R estão documentadas em textos escritos no português medieval, indício de que, em algum momento da história, elas gozaram de prestígio, antes de serem substituídas (no século XVI, no período da relatinização) pelas formas com L.

4.2.1 Lambdacismo

Convém observar, os casos em que o processo inverso ocorre, / r / em

posição final de sílaba é atualizado como [ɫ] ou [w], quando isso acontece recebe o nome de lambdacismo, fenômeno menos comum no português brasileiro, mas igualmente estigmatizado (BAGNO, 2007). Para verificar a ocorrência ou não de lambdacismo na fala dos moradores no Pantanal da Nhecolândia lhes foi perguntado: “*E para comer comidas secas, sem caldo*”, visando como resposta /garfo/, contexto em que o fenômeno pudesse ser realizado.

Tabela 5: Aplicação da regra variável X fator sexo

SEXO	APLICAÇÃO	TOTAL	%
MASCULINO	3	4	62%
FEMININO	1	4	38%

A quantificação trouxe como resultado 50% de atualizações de [w] e [ɫ]; as variantes não foram utilizadas uniformemente entre homens e mulheres. A realização da regra variável ocorreu com mais frequência entre os homens, em 75% das produções de /garfo/; entre as mulheres, o percentual foi bem inferior: 25%. Estes dados, sim, confirmam a tendência conservadora das mulheres em face das variantes prestigiadas, ao contrário do que aconteceu em relação ao rotacismo.

4. 3 As realizações do fonema / s /

Propõe-se aqui uma descrição da realização fonética do fonema / s / correspondente a s e z ortográficos¹⁵ em posição final de sílaba na fala dos moradores do Pantanal da Nhecolândia.

No português brasileiro (PB), há quatro realizações possíveis para o s em limite de sílaba, [s] fricativa alveolar desvozeada, [ʃ] fricativa alveopalatal

¹⁵ O fonema / s / tem como correspondente ortográfico s (seda, seds, seds, seds), além de, c (sceder), ç (scaçapa), x (smáximo), ss (scassado), sc (sconsciência), sç (sdescça), xc (sexcede), xs (sxsudar) e como correspondente fonético os fones [s], [ʃ], [z], [ʒ]. Diante do exposto, optou-se, neste trabalho, pelo uso da expressão “s ortográfico” para circunscrever o contexto em que o fonema está sendo observado (Cf. MASIP, 2000).

desvozeada, [z] fricativa alveolar vozeada, [ʒ] fricativa alveopalatal vozeada. A opção de um desses fones para representar /s/ vai depender do vozeamento do fonema que o pospõe, diante de consoantes desvozeadas [s] ou [ʃ], de consoantes vozeadas [z] ou [ʒ]; em suma, “o s em final de sílaba assimila a propriedade de vozeamento do segmento seguinte” (SILVA, 2002, p.50). A escolha por um dos dois segmentos desvozeados e vozeados varia de acordo com o falante, da pronúncia própria de sua região. Já para z em posição final absoluta são três as realizações possíveis; [s],[ʃ], [z].

As quatro fricativas não-labiais, sibilantes ou chiantes, conforme o dialeto, e surdas e sonoras, conforme o contexto seguinte [...] se reduzem a uma só unidade fonológica, um arquifonema, caracterizado pelo traço de fricção, por causa do desaparecimento das oposições distintivas desses elementos nessa posição. A representação fonológica desse elemento é /S/ (MONARETTO; QUENDNAU; HORA, 2005, p.208 - 209).

As atualizações alveolares [s][z] do arquifonema /S/ são as mais comuns no português, enquanto as alveopalatais [ʃ][ʒ] são características do falar carioca, do Rio de Janeiro, apesar de acontecerem também em outros Estados brasileiros, como no “[...] Espírito Santo, em algumas regiões de Minas Gerais e em certos falares do Pará, do Amazonas e também de Pernambuco (Recife)” (ILARI & BASSO, 2006, p.167) e em regiões de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O s e z ortográficos em posição final de sílaba são produzidos na variedade sul-mato-grossense como alveolares, exceto no município de Corumbá, dados do Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul -ALMS¹⁶.

4. 3.1 A realização de s ortográfico

Observou-se, à luz da teoria variacionista, na região pesquisada, a realização de s ortográfico em final de sílaba na condição de variável dependente, cujas variantes lingüísticas são [s, ʃ, z, ʒ], considerando, ainda, como variável independente lingüística, o vozeamento do fonema seguinte, desvozeado e

¹⁶ No prelo

vozeado, e a variável extralingüística sexo.

A produção do *s* ortográfico, que tem como correspondente o arquifonema / *S* /, foi observada diante de consoante desvozeada e vozeada, diante de / *p* / e / *m* /, nas palavras / *caSpa* / e / *leSma* /, realizadas a partir das respostas dadas pelos informantes às perguntas: *E aquele pó branco que algumas pessoas têm na cabeça?*; *Como se chama um bichinho que se arrasta bem devagar deixa um rasto parecido com cuspe (o parente do caramujo, que não tem caracol)?*

A quantificação dos dados referentes à variação do *s* ortográfico em final de sílaba feita por meio do programa *Goldvarb X* demonstrou que a distribuição das variantes ocorreu igualmente entre homens e mulheres, 75% dos homens e das mulheres realizaram / *s* / diante da consoante desvozeada / *p* / como [*ʃ*]; o mesmo índice ocorreu em relação à realização de / *s* / diante da consoante vozeada / *m* /, portanto 75% disseram [*'kaʃpə*] e [*'lezmə*], enquanto 25% disseram [*'kaspə*] e [*'lezmə*].

4.3.2 A realização de *z* ortográfico

A produção das variantes [*s*] [*ʃ*] como atualização da variável dependente *z* ortográfico em posição final absoluta, correlacionada à variável lingüística sexo, foi observada nas palavras / *cruS* / e / *paS* /, produzidas como resposta às questões: *O que se põe nas torres das igrejas e nos túmulos com esta forma? (mímica)*; *Se não quer ser incomodado, a gente diz: “Me deixa em _____”?*, e quantificada por meio do *Goldvarb X*.

O resultado dessa quantificação indica que não ocorreu variação na atualização de *z* entre as mulheres, que em 100% das ocorrências foi atualizado como [*ʃ*], já entre os homens ocorreu variação, em 62% das ocorrências *z* foi atualizado como [*ʃ*] e em 38% como [*s*] (*cru*[*ʃ*] ~ *cru*[*s*]; *pa*[*ʃ*] ~ *pa*[*s*]).

Nesse contexto, houve, também, a produção de uma forma variante não relacionada, inicialmente, para o estudo, o zero fonético ([*'kruI∅*] [*'pai∅*]). Convém observar que *z* foi atualizado como zero fonético na fala de um único informante, justamente entre os de mais idade. No estudo realizado por Nogueira, o zero fonético foi registrado como um traço característico na linguagem pantaneira.

A supressão do 's' e do 'z', muito freqüente nos quatro pantanais onde se ouvem [ˈmaj] (mas); [ˈɾapaj] (rapaz); [deˈpoj] (depois); [ˈnɔj] (nós), etc. [...] ao que tudo indica, deve ser um substrato crioulo ou indígena, comum na fala popular de outras regiões do país, sobretudo, na fala rural (NOGUEIRA, 1989, p.99)

Com base nos registros obtidos por meio deste trabalho, atualmente o zero fonético pode ser considerado como uma forma em desuso que sobrevive no repertório lingüístico de um ou outro morador da Nhecolândia, e não representa mais uma característica do falar local.

4.3.3 A variação do fonema /s/ em posição de s e z ortográficos

Por fim, as produções de s e z, nos contextos já referidos, foram submetidas à análise estatística do *Goldvarb*, em uma mesma rodada, a partir da seguinte classificação: variável dependente / s /; variantes sibilantes [s]; [z] e chiantes [ʃ]; [ʒ], independentemente do fone utilizado; variável independente posição de / S / na sílaba, posição final e final absoluta; variável independente extralingüística, sexo; com o intuito de confirmar e obter um panorama da aplicação da regra variável, a atualização chiante do / s /.

O resultado dessa rodada confirmou a aplicação da regra variável, pela comunidade do Pantanal da Nhecolândia; demonstrou, ainda, que as formas chiantes foram empregadas com mais freqüência entre as mulheres (Gráfico 2), e em posição final absoluta de sílaba (Gráfico 3).

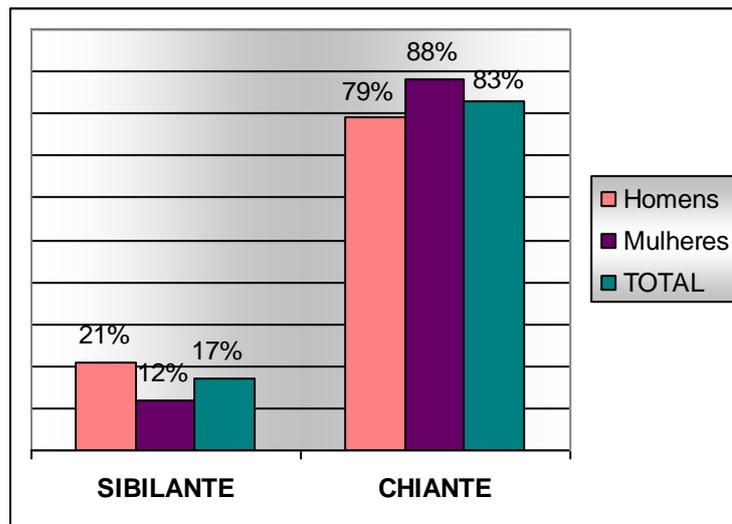


Gráfico 2 - O emprego de sibilantes e chiantes em relação ao gênero

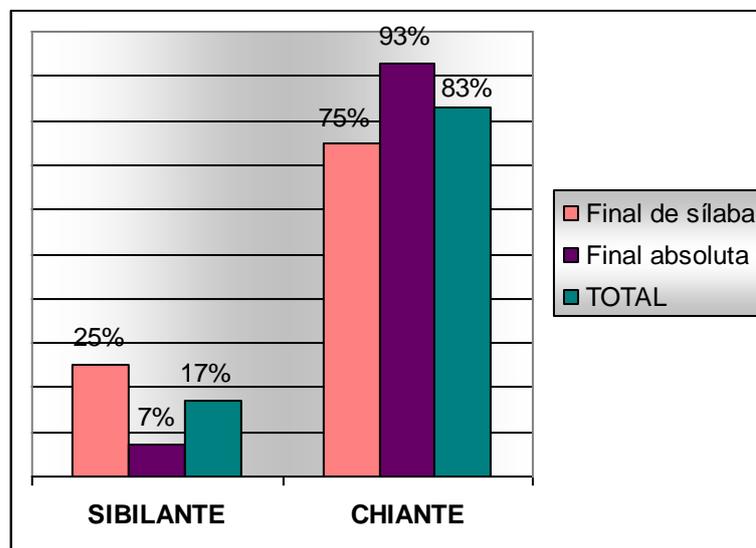


Gráfico 3 - O emprego de sibilantes e chiantes em relação à posição na sílaba

A atualização chiante de s e z foi documentada pela primeira vez somente em 1746 no português europeu. Acredita-se que, com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, em 1808, a pronúncia chiante de s e z tenha sido incorporada à variedade local do português brasileiro como um dos efeitos do processo de lusitanização ocorrido na capital do país (TEYSSIER, 2001).

Essa pronúncia é, habitualmente atribuída como característica peculiar do falar carioca.

Como visto no capítulo I, o Rio de Janeiro era a capital do Brasil no período de colonização do Pantanal da Nhecolândia, o centro ao qual se recorria

para tratamentos médicos, estudo e lazer, referência cultural da época. Esse fato somado ao grande contingente de marinheiros do Estado do Rio de Janeiro nos Fortes do município de Corumbá, possivelmente propiciou a assimilação por parte dos falantes da região dos chiantes cariocas que foram incorporados ao falar local.

4. 4 Metaplasmos

Esta etapa do trabalho consiste em descrever dois metaplasmos¹⁷ recorrentes no falar do Pantanal da Nhecolândia.

O metaplasmo consiste no aumento, supressão, transposição ou transformação de um fonema em uma palavra sem ocasionar mudança em seu significado. “Os fonemas constituem o material sonoro da língua. Este material está, como tudo o mais, sujeito à lei fatal das transformações” (COUTINHO, 1978, p.142).

4.4 .1 Epêntese e aférese

Na realização do vocábulo *advogado*, foram registradas produções de dois metaplasmos, um por acréscimo, a epêntese, e outro por supressão, a aférese.

“Epêntese é o acréscimo de fonema no interior da palavra [...] Anaptixe ou *suarabácti* é epêntese especial que consiste em desfazer um grupo de consoantes pela intercalação de uma vogal (COUTINHO, 2005, p. 146147)”.

Os informantes, quando indagados sobre “Qual profissional contratamos para defender nossos interesses na justiça?”¹⁸, responderam, conforme o esperado,

¹⁷ A gramática normativa usou este termo, desde a época grego-latina, quando na língua literária existe uma forma variante do vocábulo, em contraste com outra, considerada normal [...] O metaplasmo, neste sentido, indica uma forma que não é normal, mas é admissível, e os que empregam, ou a encontram, logo a associam à forma normal [...]

A esse conceito, inteiramente sincrônico, do metaplasmo, substituindo-se um conceito diacrônico, quando em gramática histórica se passou a usar o termo como equivalente de mudanças fonéticas. O ponto de partida, para isso, é a circunstância de que a variante e a forma básica são situadas na linha evolutiva da língua, como arcaísmos, subsistentes na língua literária, e formas atuais, respectivamente [...] (CAMARA JUNIOR, 1986, p.167).

¹⁸ Pergunta de número 6 (seis) do Questionário Fonético-Fonológico.

advogado. Todos atualizaram o vocábulo como [adevo'gado] ou [devo'gado].

Em [adevo'gado] houve o acréscimo da vogal / e / no meio do vocábulo desfazendo o encontro consonantal *dv*, o que configura um caso de suarabácti cuja incidência foi de 100% entre entrevistados.

A pronúncia de /advogado/ propicia a ocorrência da epêntese por não haver um fone que represente o encontro consonantal *dv* em português; porém o comum é que haja o acréscimo do / i /; quando há o do / e /, há “certa estranheza”. Tanto [adʒivo'gado] quanto [adevo'gado] são formas variantes de /advogado/; o que as difere é o valor que possuem na sociedade; o uso da primeira forma goza de prestígio, já o da segunda é estigmatizado.

Além da epêntese de / e /, em 20% das respostas houve também metaplasmo por aférese, a queda do / a / inicial do vocábulo, que foi atualizado como [devo'gado].

Os dois casos de metaplasmo são considerados desvios da norma culta, de modo geral, o uso dessas formas variantes é atribuído aos que possuem menor grau de escolaridade e a moradores da zona rural;

Todavia os fenômenos de epêntese e aférese são registrados ao longo da história da evolução da língua portuguesa, alguns dos quais redundaram em mudanças, como *brata* > *barata*, *prão* > *porão*, *inamorare* > *namorar*, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as descrições de aspectos fonéticos apresentadas neste trabalho, é possível comprovar a hipótese levantada no início de que o Pantanal da Nhecolândia possui linguagem diversificada em virtude da sua diversidade cultural.

As atualizações alveolares de / t / e / d / e chiantes de / s / indicam que as influências lingüísticas no falar da Nhecolândia são, possivelmente, as mesmas da cidade Corumbá, que difere das formas registradas nas demais regiões do estado. Essa afirmação encontra sustentação no banco de dados do Projeto Atlas Lingüístico. O isolamento geográfico, nesse caso, não se configurou como uma barreira lingüística.

Nas realizações de rotacismo, lambdacismo, aférese e epentêse registrados na fala do pantaneiro são variações consideradas características da fala de pessoas com pouco grau de escolaridade, e até mesmo de moradores da zona rural, tendência que se constata também no Pantanal da Nhecolândia. Já nas realizações de vocalização de / l / registra-se uma tendência de todo o português brasileiro que se faz presente nas áreas mais isoladas, como o Pantanal.

É preciso observar, no entanto, que, em meio a essas variações, não foi identificada nenhuma mudança em curso; as variações apresentam-se estáveis.

O fato de este trabalho trazer apenas algumas variações fonéticas, em hipótese alguma significa que não ocorram variações em outros níveis da linguagem, nem mesmo que esses aspectos elencados sejam os únicos de caráter fonético que se encontram em variação. Este trabalho constitui-se como apenas uma “fotografia lingüística”; muitas outras podem ser registradas no local. E acaba por servir como um instrumento para que isso aconteça, pois, além dos dados trabalhados aqui, conta com banco de dados com mais de dez horas de gravação de fala dos moradores da região, um registro sonoro da comunidade estudada.

A tarefa inicial deste trabalho era a de registrar variações fonéticas na fala do Pantaneiro da Nhecolândia e descrevê-las; ao término, acredita-se que a tarefa tenha sido cumprida. Fica aqui um registro do português falado Brasil, cuja necessidade e importância constantemente é ressaltada pelos estudiosos de língua falada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística - Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (Orgs.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 21 - 47.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BARROS, José. *Lembranças: para os meus filhos e descendentes*. BRASÍLIA: Centro Gráfico do Senado Federal, 1959.

BELINE, Ronald. A variação lingüística. In: FIORIN, José Luiz (org) *Introdução à Lingüística I*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 121-140.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática: referente à língua portuguesa*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARUSO, Pedro. Prefácio. In: NOGUEIRA, Albana Xavier, *Pantanal: homem e cultura*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2002, p. 09 -10.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *Fazendas de Gado no Pantanal Mato-Grossense*. Serviço de Informação Agrícola / MA, 1995.

COTRIM, Gilberto. *História para o ensino médio – geral e do Brasil –*. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

HORA, Dermeval da. Apresentação, In: HORA, Dermeval da (Org.). *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: [s.n.], 2004, p. 7 – 8.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.

_____. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Zahar, 2004.

MASIP, Vicente. *Fonologia e ortografia portuguesas – um curso para alfabetizadores*. São Paulo: EPU, 2000.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira; QUEDNAU; Laura Rosane; HORA, Dermeval. As consoantes do português. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 208 -241.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação, In: MOLLICA; BRAGA, Maria Luiza, Maria Cecília (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9 – 14.

_____. MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não lingüísticas, In: MOLLICA; BRAGA, Maria Luiza, Maria Cecília (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 27 -31.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA; BRAGA, Maria Luiza, Maria Cecília (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 15 -25.

NOGUEIRA, Albana Xavier. *A linguagem do homem pantaneiro*. 1989. 383 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Mackenzie, São Paulo, 1989.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de; ISQUERDO, Aparecida Negri. A nova dialetologia: investigações e resultados. In: RONCATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2003, (p. 55 - 68).

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. *Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008. (no prelo)

PAIVA, Maria Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA; BRGA, Maria Luiza, Maria Cecília (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33 - 40.

PROENÇA, Augusto César. *Pantanal: gente, tradição e história*. 3ª ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 1997.

SAKAMOTO, Arnaldo Yoso. *Contribuição ao estudo de produção capitalista de Mato Grosso: meados do século XIX até a década de 1930 do século XX*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), São Paulo, 1989.

_____. *Dinâmica hídrica em uma lagoa “salina” e seu entorno no Pantanal da Nhecolândia: contribuição ao estudo das relações entre o meio físico e a ocupação, Fazenda São Miguel do Firme, MS*. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), São Paulo, 1997.

SAUER, Renata Forte Costa. *Falares regionais: um estudo socio-dialetológico*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, 2004.

SCHERRE, Marta Maria Pereira. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SCHERRE, Marta Maria Pereira; SILVA, Gisele Machline de Oliveira (Orgs.). *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*: Tempo Brasileiro, 1996, p. 35 -50.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

SILVA, Thaïs Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6ed. São Paulo: Contexto, 2002.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. Celso Cunha. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics: A symposium*. Austin-London: University of Texas Press, 1968, p. 95-199.

_____. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

APÊNDICE A: Questionário fonético-fonológico

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

1. FAMÍLIA

Pai, mãe e filhos, que grupo formam?

2. HOMEM

Crescendo, a menina vira mulher. E o menino?

3. TIO

O que é seu, o irmão de seu pai ou de sua mãe?

4. GENRO

O pai de sua mulher é seu sogro. E o senhor, o que é dele? (*para informante masculino*)

O marido da senhora é o que do seu pai? (*para informante feminino*)

5. COMPADRE/ COMADRE

O padrinho do filho fica sendo o nosso____. E a madrinha fica sendo nossa_____

6. ADVOGADO

Que profissional contratamos para defender nossos interesses na justiça?

7. REVÓLVER

Qual é a arma de fogo com uma peça que gira e se maneja com uma mão só?

8. PAZ

Se não quer ser incomodado, a gente diz: “Me deixa em _____”

9. MUITO

O contrário de pouco é_____?

10. MENTIRA

Se não é verdade, então é_____?

11. BOM

O Contrário de ruim é_____?

12. CALOR

No inverno faz frio. E no verão faz_____?

13. CALÇÃO

Como se chama a roupa que os homens usam para tomar banho de rio ou de mar?

14. **FERVENDO**

Quando a água da chaleira fica de soltar fumaça, a gente diz que ela está_____?

15. **CLARA E GEMA**

No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome têm elas?

16. **GORDURA**

A carne de porco não é magra porque tem_____?

17. **FALAM**

O que os papagaios fazem que nem a gentes?

18. **LESMA**

Como se chama um bichinho que se arrasta bem devagar deixa um rasto parecido com cuspe? (o parente do caramujo, que não tem caracol)

19. **DIAS**

Quanto tempo é uma semana? (Qual é o contrário de noite?)

20. **FOLHINHA**

Como se chama o calendário onde a gente arranca uma página todos os dias? (Qual é o outro nome dado para calendário?)

21. **SANTO ANTÔNIO**

Qual é o santo casamenteiro (que se festeja a 13 de junho)?

22. **PROCISSÃO**

Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz levando uma imagem de um ponto a outro?

23. **CRUZ**

O que se pões nas torres das igrejas e nos túmulos com esta forma? (fazer mímica)

24. **ARARA**

Como se chamam aquelas aves de penas coloridas – amarelas, verdes, vermelhas e até azuis – que estão em extinção?

25. **FLOR**

Antes das plantas darem frutos, elas dão_____?

26. **OVO/ OVOS**

Aquilo que a galinha bota é o quê? Duas galinhas botam dois_____?

27. **ARANHA**

Inseto, com muitas perninhas, que faz uma rede, geralmente no telhado ou nas paredes das casas, para prender outros insetos?

28. **TEIA**

A rede construída pela aranha, como se chama?

29. PIOLHO

Como se chamam aqueles bichinhos que andam na cabeça das pessoas e dão uma coceira danada?

30. MOLEIRA

E aquela parte mole que as criancinhas têm na parte superior da cabeça?

31. CASPA

E aquele pó branco que algumas pessoas têm na cabeça?

32. TESTA

Como se chama isto? (apontar)

33. OLHO/ OLHOS

Para fazer pontaria nós temos que fechar um____ Nós temos dois____?

34. OUVIDOS

A gente ouve com os____?

35. PULMÃO

Como se chama o órgão que enche de ar quando a gente respira?

36. UNHAS

Quando as pessoas estão nervosas, elas costumam roer as____?

37. JOELHO

Como se chama esta parte do corpo? (mostrar)

38. ESPIRRO

Como se chama isso? (simular um espirro)

39. SOLUÇO

Como se chama isso? (simular um soluço)

40. PADRINHO

O homem que batiza uma criança fica sendo seu____ ? (fica sendo o que da criança?)

41. MADRINHA

E a mulher que batiza? (fica sendo o que da criança?)

42. AGULHA

E o objeto fino, de metal, que seve para costurar, como chama?

43. COLHER

O que se usa para tomar sopa?

44. GARFO

E para comer comidas secas, sem caldo?

45. FÓSFORO

Para acender o fogo, o cigarro, as pessoas usam palitos de___?

46. CAIXA

Quando se compra uma TV, um ventilador, um sapato, ele vem da loja dentre de quê?

47. TESOURA

Como se chama o objeto com que se corta tecido? (fazer mímica)

48. TRAVESSEIRO

Como se chama aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?

49. TORNEIRA

Com se chama aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?

50. FECHA

Para que a porta não fique aberta, se diz: Fulano, ___a porta.

51. VARRER

Para limpar o chão, o que é preciso fazer (mímica)?

52. ALMOÇO

Como se chama a refeição que se faz, em geral, às 12 horas?

53. RUIM

Uma comida pode estar boa ou___?

54. ARROZ

O que se come no almoço, uns grãos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?

55. LIQUIDIFICADOR/ LIQÜIDIFICADOR

Como se chama um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc?

56. BOTAR

Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai___ (mímica) água dentro.

Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai ____ ovo.

57. BONITO

Qual o contrário de feio?

58. ÁRVORE

O que é que dá sombra nas ruas, no campo/ para o gado nos pastos?

59. CAVALO

Como se chama animal que serve para transportar a pessoa de um lugar para outro? (Obter a forma inserida em contextos mais amplos)

60. BORBOLETA

Como se chama um bichinho que voa e tem as asas bonitas e coloridas?

61. ANO

De janeiro a dezembro se diz que se passou quanto tempo? (30 dias dá um mês, 12 meses dá um ____?) (Como é que se chama o período de 12 meses)

62. AMANHÃ

O dia que vem depois de hoje? (O que não deu para fazer hoje se deixa para fazer ____?)

63. SEGURO

Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor faz o quê?

64. PASSAGEM

Quando se pega um transporte de uma cidade para outra, como se chama aquilo que se tem que pagar para poder viajar?

65. TRABALHAR

Para ganhar dinheiro, é preciso fazer o quê?

66. EMPREGO

Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procura o quê?

67. BORRACHA

Como se chama aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?

68. PERNAMBUCANO

Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca, e quem nasce em Pernambuco?

69. FERIDA

Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?

70. BANHO

Quando se está sujo, suado, para ficar limpo novamente, o que é que se toma?

71. LOURA

A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem cabelos claros e amarelados?

72. VELHO

Um sapato que não é novo é ____?

73. SANDÁLIA

Como se chama aquele calçado aberto, trançadinho, usado no verão, que tem uma tira prende no calcanhar?

74. BRAGUILHA

Como se chama abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? (Se o senhor (a) encontra um conhecido com a calça aberta, o senhor (a) diz: Fulano, fecha_____?)

75. SAIR

Qual é o contrário de entrar?

76. PORTA

E abertura na parede, feita para as pessoas passarem, como chama_____?

APÊNDICE B: Fichas dos informantes

FICHA DO INFORMANTE

1- DADOS DO INFORMANTE

Dados Pessoais

Nome: D. R

Local de nascimento: Fazenda Esperança, Pantanal da Nhecolândia.

Sexo: feminino

Estado civil: casado

Profissão: dona de casa

Idade: 74 anos

Grau de Instrução:

Analfabeto (X)

Primário Incompleto ()

Formação Rudimentar ()

Primário Completo ()

Domicílio

Endereço atual: Sítio Japorá, Pantanal da Nhecolândia.

- Morou sempre no Pantanal da Nhecolândia

Viagens

No Estado de MS: Corumbá

Fora do Estado de MS: nunca viajou para fora do Estado

Serviço Militar

Prestou em: _____ no ano de _____. DISPENSADO ()

Contatos Lingüísticos

2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE

Naturalidade do pai: Cuiabá - MT

Naturalidade da mãe: Pantanal do Poconé

Naturalidade do cônjuge: Fazenda Alegria, Pantanal da Nhecolândia.

Obs: Os pais foram criados em Albuquerque, Corumbá-MS.

3- DADOS DO INQUÉRITO

Local: Sítio Japorá, Pantanal da Nhecolândia.

Data: 12 de julho de 2006

Inquiridor: Fabiana Portela de Lima

4- OUTRAS OBSERVAÇÕES

FICHA DO INFORMANTE

1- DADOS DO INFORMANTE

Dados Pessoais

Nome: E. O

Local de nascimento: Fazenda Cácere, Pantanal da Nhecolândia.

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Profissão: peão

Idade: 56 anos

Grau de Instrução:

Analfabeto ()

Primário Incompleto ()

Formação Rudimentar ()

Primário Completo (X)

Domicílio

Endereço atual: Fazenda Cácere, Pantanal da Nhecolândia.

- Ao 35 anos de idade mudou-se do Pantanal da Nhecolândia, durante 12 anos morou em diversas fazendas de Corumbá, depois retornou para o Pantanal da Nhecolândia.

Viagens

No estado de MS: não foi perguntado

Fora do estado de MS: não foi perguntado

Serviço Militar

Prestou em: Corumbá –MS no ano de 1968.

Contatos Lingüísticos

2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE

Naturalidade do pai: Pantanal da Nhecolândia

Naturalidade da mãe: Porto Murtinho – MS

Naturalidade do cônjuge: Corumbá - MS

3- DADOS DO INQUÉRITO

Local: Fazenda Cácere, Pantanal da Nhecolândia.

Data: 13 de julho de 2006

Inquiridor: Fabiana Portela de Lima

4- OUTRAS OBSERVAÇÕES

FICHA DO INFORMANTE

1- DADOS DO INFORMANTE

Dados Pessoais

Nome: H.E

Local de nascimento: Fazenda Alegria, Pantanal da Nhecolândia.

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Profissão: lavrador

Idade: 76 anos

Grau de Instrução:

Analfabeto ()

Primário Incompleto ()

Formação Rudimentar (X)

Primário Completo ()

Domicílio

Endereço atual: Sítio Japorá, Pantanal da Nhecolândia.

- Morou sempre no Pantanal da Nhecolândia

Viagens

No estado de MS: Corumbá, Aquidauana.

Fora do estado de MS: nunca viajou para fora do Estado.

Serviço Militar

Prestou em: _____no ano de _____. DISPENSADO (X)

Contatos Lingüísticos

2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE

Naturalidade do pai: Paraguai

Naturalidade da mãe: Corumbá – MS

Naturalidade do cônjuge: Fazenda Esperança, Pantanal da Nhecolândia.

3- DADOS DO INQUÉRITO

Local: Sítio Japorá, Pantanal da Nhecolândia.

Data: 12 de julho de 2006

Inquiridor: Fabiana Portela de Lima

4- OUTRAS OBSERVAÇÕES

FICHA DO INFORMANTE

1- DADOS DO INFORMANTE

Dados Pessoais

Nome: N.C

Local de nascimento: Fazenda Firme, Pantanal da Nhecolândia.

Sexo: feminino

Estado civil: casada

Profissão: dona de casa

Idade: 55 anos

Grau de Instrução:

Analfabeto ()

Primário Incompleto ()

Formação Rudimentar (X)

Primário Completo ()

Domicílio

Endereço atual: Sítio Japorá, Pantanal da Nhecolândia.

- Morou durante algum tempo em Ladário - MS, mas não soube precisar quando e quanto; há mais de 10 anos voltou para Nhecolândia onde nasceu e morou a maior parte de sua vida.

Viagens

No Estado de MS: Ladário - MS

Fora do Estado de MS: nunca viajou para fora do Estado

Serviço Militar

Prestou em: _____ no ano de _____. DISPENSADO ()

Contatos Lingüísticos

2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE

Naturalidade do pai: Fazenda Firme, Pantanal da Nhecolândia.

Naturalidade da mãe: Pantanal da Nhecolândia

Naturalidade do cônjuge: Porto da Manga, Pantanal da Nhecolândia

3- DADOS DO INQUÉRITO

Local: Sítio Japorá, Pantanal da Nhecolândia.

Data: 14 de julho de 2006

Inquiridor: Fabiana Portela de Lima

4- OUTRAS OBSERVAÇÕES

FICHA DO INFORMANTE

1- DADOS DO INFORMANTE

Dados Pessoais

Nome: P.S

Local de nascimento: Pantanal do Poconé

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Profissão: peão

Idade: 72 anos

Grau de Instrução:

Analfabeto (X)

Primário Incompleto ()

Formação Rudimentar ()

Primário Completo ()

Domicílio

Endereço atual: Fazenda Alegria, Pantanal da Nhecolândia.

Há mais de 40 anos mora no Pantanal da Nhecolândia, antes morava no Pantanal do Paiguás.

Viagens

No Estado de MS: Coxim, Rio Verde, Campo Grande

Fora do Estado de MS: nunca viajou para fora do Estado

Serviço Militar

Prestou em: _____no ano de _____. DISPENSADO (X)

Contatos Lingüísticos

2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE

Naturalidade do pai: Pantanal do Poconé

Naturalidade da mãe: Pantanal do Poconé

Naturalidade do cônjuge: não foi perguntado

3- DADOS DO INQUÉRITO

Local: Fazenda Alegria, Pantanal da Nhecolândia

Data: 13 de julho de 2006

Inquiridor: Fabiana Portela de Lima

4- OUTRAS OBSERVAÇÕES

FICHA DO INFORMANTE

1- DADOS DO INFORMANTE

Dados Pessoais

Nome: R.S

Local de nascimento: Ladário - MS

Sexo: feminino

Estado civil: divorciado

Profissão: dona de casa

Idade: 55 anos

Grau de Instrução:

Analfabeto ()

Primário Incompleto (X)

Formação Rudimentar ()

Primário Completo ()

Domicílio

Endereço atual: Fazenda Cácere, Pantanal da Nhecolândia.

A informante disse ter morado durante boa parte da sua vida no Pantanal, mas morou também no Distrito de Vila Bela – MT de onde veio há três para a Microrregião da Nhecolândia.

Viagens

No estado de MS: Campo Grande

Fora do estado de MS: não foi perguntado

Serviço Militar

Prestou em: _____ no ano de _____. DISPENSADO ()

Contatos Lingüísticos

2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE

Naturalidade do pai: Bahia

Naturalidade da mãe: Minas Gerais

Naturalidade do cônjuge: Pantanal Sul Mato-Grossense

3- DADOS DO INQUÉRITO

Local: Fazenda Cácere, Pantanal da Nhecolândia.

Data: 13 de julho de 2006

Inquiridor: Dercir Pedro de Oliveira

4- OUTRAS OBSERVAÇÕES

FICHA DO INFORMANTE

1- DADOS DO INFORMANTE

Dados Pessoais

Nome: R.T

Local de nascimento: Corumbá - MS

Sexo: masculino

Estado civil: casado

Profissão: inseminador

Idade: 51 anos

Grau de Instrução:

Analfabeto ()

Primário Incompleto ()

Formação Rudimentar ()

Primário Completo (X)

Domicílio

Endereço atual: Fazenda Alegria, Pantanal da Nhecolândia.

- Morou sempre no Pantanal da Nhecolândia

Viagens

No estado de MS: não especificou para quais cidades viajou.

Fora do estado de MS: Disse ter viajado pelo estado de Mato Grosso, mas também não especificou para quais cidades.

Serviço Militar

Prestou em: _____ no ano de _____. DISPENSADO (X)

Contatos Lingüísticos

2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE

Naturalidade do pai: Olinda – PE

Naturalidade da mãe: Colônia São Domingo – Pantanal da Nhecolândia

Naturalidade do cônjuge: Pantanal da Nhecolândia

3- DADOS DO INQUÉRITO

Local: Fazenda Alegria, Pantanal da Nhecolândia.

Data: 13 de julho de 2006

Inquiridor: Dercir Pedro de Oliveira

4- OUTRAS OBSERVAÇÕES

FICHA DO INFORMANTE

1- DADOS DO INFORMANTE

Dados Pessoais

Nome: V.S

Local de nascimento: Corumbá - MS

Sexo: feminino

Estado civil: casado

Profissão: dona de casa

Idade: 48 anos

Grau de Instrução:

Analfabeto (X)

Primário Incompleto ()

Formação Rudimentar ()

Primário Completo ()

Domicílio

Endereço atual: Fazenda Cácere, Pantanal da Nhecolândia.

- Ao 15 anos de idade mudou-se do Taquari, Pantanal do Paiaguás, para o Pantanal da Nhecolândia.

Viagens

No estado de MS: Corumbá - MS

Fora do estado de MS: Rio de Janeiro – RJ (uma única vez)

Serviço Militar

Prestou em: _____ no ano de _____. DISPENSADO ()

Contatos Lingüísticos

2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE

Naturalidade do pai: não foi perguntado

Naturalidade da mãe: não foi perguntado

Naturalidade do cônjuge: Pantanal da Nhecolândia

3- DADOS DO INQUÉRITO

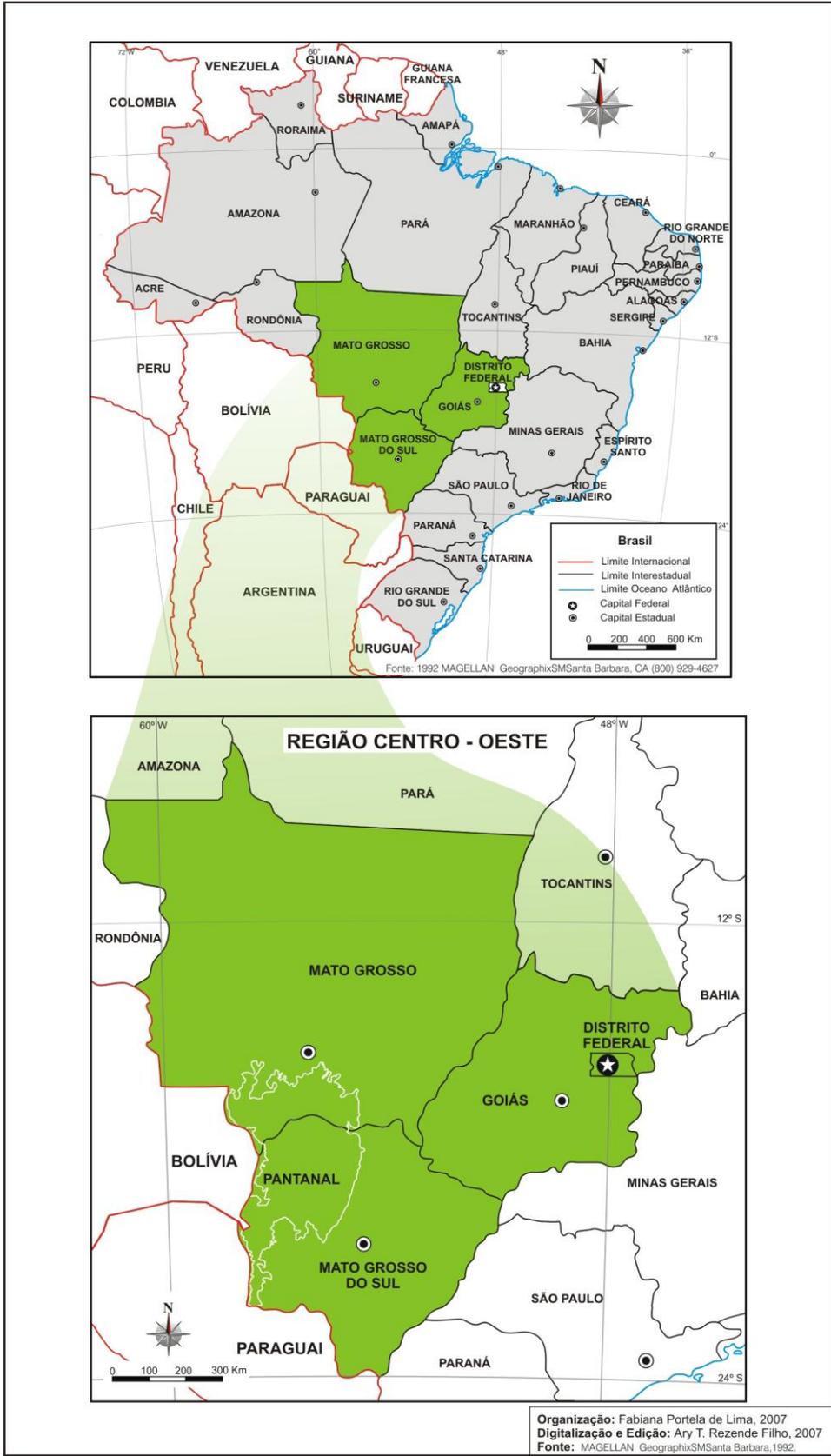
Local: Fazenda Cácere, Pantanal da Nhecolândia.

Data: 13 de julho de 2006

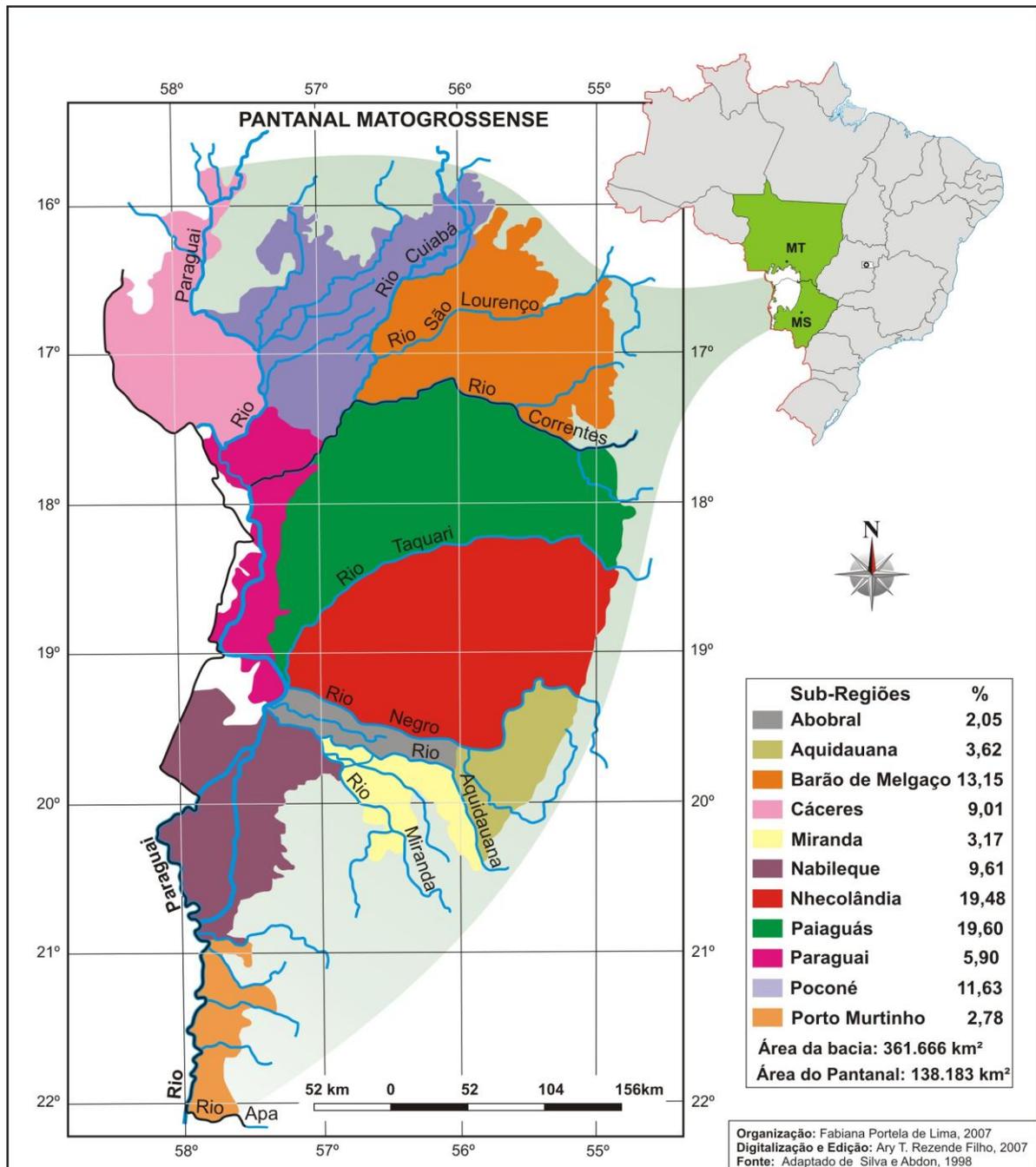
Inquiridor: Dercir Pedro de Oliveira, Fabiana Portela de Lima e Maria Madalena da Silva Lebrão.

4- OUTRAS OBSERVAÇÕES

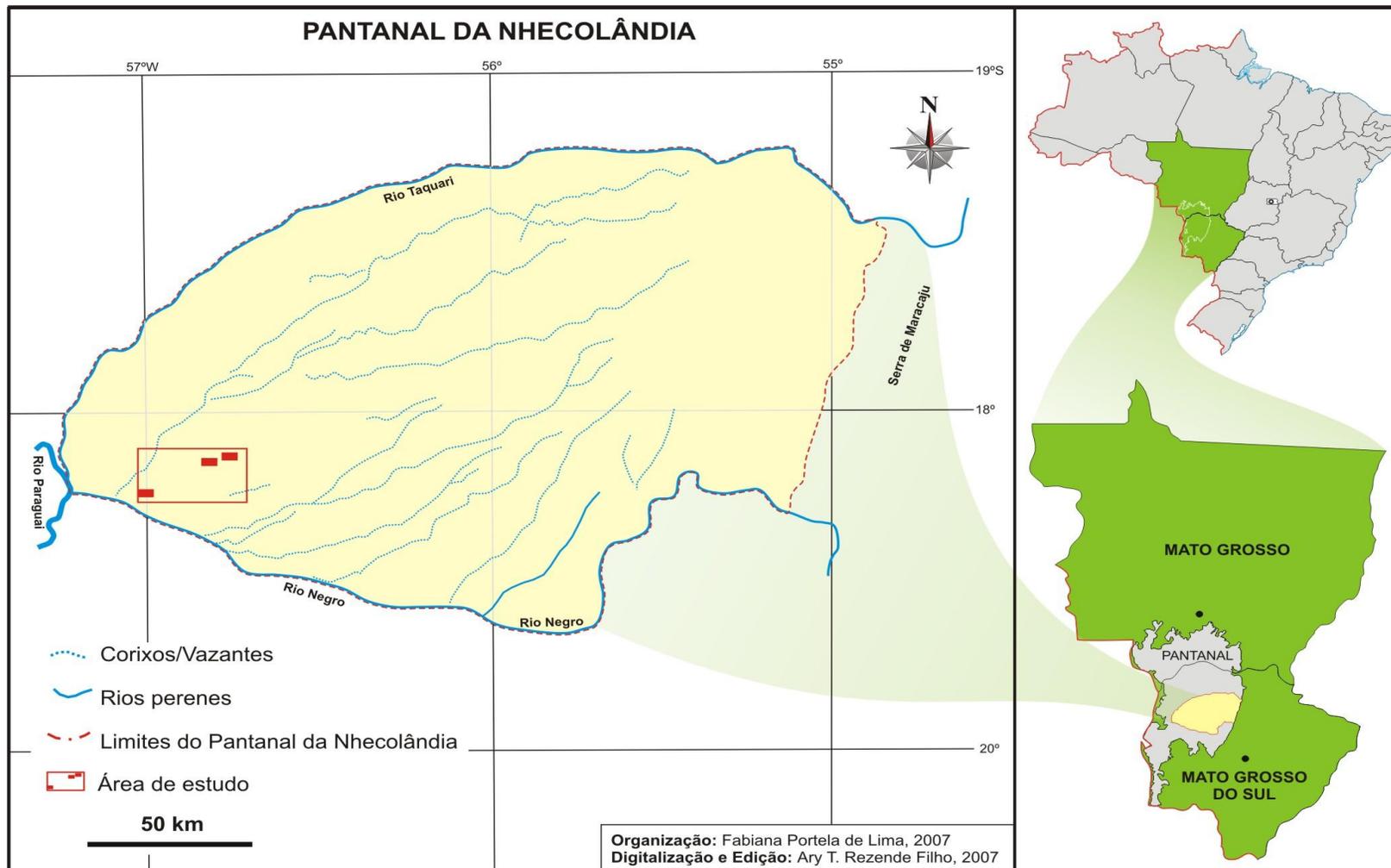
ANEXOS



MAPA 1 - Mapa da Divisão Política dos Estados Brasileiros com destaque para a Região Centro-Oeste e o Pantanal.



MAPA 2 - Mapa do Pantanal Mato-grossense e suas sub-regiões.



MAPA 3 - Mapa do Pantanal da Nhecolândia com destaque para os pontos nos quais foram realizados os inquéritos